



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES/CECA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DE MESTRADO/PPGE

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, ESTADO E EDUCAÇÃO

**OS SENTIDOS DE LAZER, LÚDICO E EDUCAÇÃO PARA JOVENS
SOCIALMENTE VULNERÁVEIS NO MUNICÍPIO DE TOLEDO/PR**

ALEXSSANDRO MORGENROTH

CASCAVEL – PR
2017



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES/CECA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DE MESTRADO/PPGE

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, ESTADO E EDUCAÇÃO

**OS SENTIDOS DE LAZER, LÚDICO E EDUCAÇÃO PARA JOVENS
SOCIALMENTE VULNERÁVEIS NO MUNICÍPIO DE TOLEDO/PR**

ALEXSSANDRO MORGENROTH

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, área de concentração Sociedade, Estado e Educação, linha de pesquisa: Formação de Professores e Processos de Ensino e Aprendizagem, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE – Campus de Cascavel, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Tânia Maria Rechia Schroeder

CASCADEL – PR
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

M848s Morgenroth, Alexssandro
Os sentidos de lazer, lúdico e educação para jovens socialmente vulneráveis no Município de Toledo/PR. / Alexssandro Morgenroth.— Cascavel, 2017.
113 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tânia Maria Rechia Schroeder

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, 2017.
Programa de Pós-Graduação em Educação

1. Educação. 2. Juventude. 3. Lazer. 4. Lúdico. I. Schroeder, Tânia Maria Rechia. II. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. III. Título.

CDD 20.ed. 370
CIP – NBR 12899



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Cascavel CNPJ 78680337/0002-65
Rua Universitária, 2069 - Jardim Universitário - Cx. P. 000711 - CEP 85819-110
Fone:(45) 3220-3000 - Fax:(45) 3324-4566 - Cascavel - Paraná



PARANÁ

GOVERNO DO ESTADO

ALEXSSANDRO MORGENROTH

Os sentidos de lazer, lúdico e educação para jovens socialmente vulneráveis no município de Toledo/PR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, área de concentração Sociedade, Estado e Educação, linha de pesquisa Formação de Professores e Processos de Ensino e de Aprendizagem, APROVADO (A) pela seguinte banca examinadora:

Orientador(a) - Tania Maria Rechia Schroeder

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Giuliano Gomes de Assis Pimentel

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Carmen Celia Barradas Correia Bastos

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Fabio Lopes Alves

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Cascavel, 7 de julho de 2017

Aos meus pais, **Maurina Evangelista e Ataide Morgenroth**.
Eles mudaram as suas vidas para oportunizar algo que não
tiveram “estudar”.

Aos meus irmãos **Nelson Anderson, Diego Rafael, Nathan
Felipe, Katlen Taina e Vanessa** (*in memoriam*).

À **Tais Mariana Lahm**, pela parceria, amizade e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Durante a minha jornada acadêmica adotei diferentes "mães", e a mãe *Stricto sensu* foi minha orientadora professora Dra. **Tânia Maria Rechia Schroeder**. Ela com seu jeito meigo e duro; forte e frágil; exigente e flexível, racional e sensível me ensinou outro olhar e outra forma de compreender os detalhes das coisas.

Aos membros da banca examinadora, professora Dra. **Carmen Célia Barradas Correia Bastos** e os professores Prof. Dr. **Fábio Lopes Alves** e Prof. Dr. **Giuliano Gomes de Assis Pimentel** por terem aceitado participar desse momento formal e coloquial da minha vida acadêmica.

À professora Ms Ilse **Lorena Von Borstel Galvão de Queirós**, a "mãe" da graduação, por ter despertado em mim o desejo de pesquisar lazer, recreação e lúdico. Consegui vencer a batalha da graduação devido ter pessoas como você.

À Professora Ms **Eneida Maria Troller Conte**, que depois de professora tornou-se também minha amiga, meu anjo.

Ao Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *Campus* de Cascavel/PR. Em especial a parceria da assistente do programa **Sandra Maria Gausmann Koerich**. Como você faz bem o seu trabalho!

Aos colegas/amigos de mestrado com quem pude compartilhar minhas aflições, meus medos e minhas jovialidades. Em especial ao grupo "Só os Top" e da "Carona".

Aos meus colegas e amigos de trabalho da Escola Municipal Norma Demeneck Belotto pela compreensão e parceria.

À professora **Mercia Salomé Rotta**, que me auxiliou com os “contatos imediatos” dos Centros da Juventude de Toledo/PR. Sua parceria foi fundamental nos achados desta pesquisa.

À professora **Evelin Carla Coelho**, por ser sempre essa pessoa maravilhosa que transmite ludicidade, amor e muita energia positiva. Obrigado por sempre acreditar...

Aos amigos/irmãos **Tomás Mattos Monteiro, Sergio Luiz Colanzi dos Santos e Geyson Martins**. Amigos de república que se tornaram irmãos.

A todos os amigos espalhados nesse mundo de meu Deus. Em especial a **Franciele Fernandes Baliero**, que jamais desistiu dos sonhos... do nosso sonho de ser mestre.

A minha família MORGENROTH e EVANGELISTA. Sim! Todos vocês... Em especial a Rainha “**vó Isabel**”.

À **Tais Mariana Lahm**, pela parceria, amizade, paciência, carinho, confiança e amor. Por ter estimulado e sempre dizer “*Hei! Vai dar tudo certo no final*”. Pela compreensão e/ou talvez quase compreensão das ausências daqueles momentos que devido aos compromissos do mestrado não consegui corresponder como deveria.

E por fim, a dona **Mirinha** (*in memoriam*), que também me adotou como neto. Nossa relação foi curta, no entanto, aprendi muito e vai ser exemplo de “criança eterna”.

Ao mesmo tempo em que o jogo das imagens transporta a emoção coletiva e o prazer dos sentidos, a metáfora, tomada em seu sentido etimológico, permite compreender o “transporte” do sentido. Ela exerce, assim, o mesmo papel que o ritual nas sociedades primitivas: o de mobilizar a energia social (MAFFESOLI, 1998, p.155).

MORGENROTH, Alexssandro. **OS SENTIDOS DE LAZER, LÚDICO E EDUCAÇÃO PARA JOVENS SOCIALMENTE VULNERÁVEIS NO MUNICÍPIO DE TOLEDO/PR.** 2017.113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel/PR.

RESUMO: A temática de jovens socialmente vulneráveis vem sendo debatida por vários campos do conhecimento sob diversas perspectivas. O objetivo deste estudo é problematizar as vivências lúdicas e de lazer dos jovens que frequentam os Centros da Juventude do Município de Toledo/PR. A pesquisa envolveu estudos bibliográficos, documentais e de campo. No primeiro momento, realizou-se a seleção de obras com abordagens sociológicas de Maffesoli (1996, 1998, 2001a, 1981, 2010a, 2010b, 2014), Barros (2013); Paiva (2004); e Teoria/Estudos do Lazer de Dumazedier, (2001); Marcellino, (1998; 2007); Huizinga (2000); Bruhns (2004); Pimentel & Pimentel (2009) e Pimentel (2010); para o aprofundamento teórico deste estudo sobre as temáticas de Lazer e Lúdico. Para conhecer as condições pedagógicas e institucionais dos centros realizou-se a pesquisa documental junto ao Programa Centros da Juventude do Estado do Paraná e da Prefeitura Municipal de Toledo/PR. A pesquisa de campo, por sua vez, compreendeu 15 entrevistas e observações dos jovens que frequentam o Centro da Juventude Márcio Antônio Bombardelli e o Centro da Juventude Mariana Luiza Von Borstel, e outro roteiro para 05 sujeitos responsáveis pela organização e execução das diferentes propostas de atividades dos CEJUs. Assim, a partir de uma sociologia compreensiva, foi possível evidenciar que o programa Centro da Juventude de Toledo/PR pode ser caracterizado como espaço específico de lazer, onde as manifestações lúdicas celebram um estar junto cujo fundamento é menos a razão universal do que a emoção compartilhada e o sentimento de pertencimento. No entanto, as vivências dos jovens em relação ao lazer e o lúdico podem ser cooptados pelo poder instituído como forma de manutenção, homogeneização e internalização de valores pautados na lógica do “dever-ser” e do progresso.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude; Lazer; Lúdico; Educação.

MORGENROTH, Alexssandro. **THE SENSES OF LEISURE, PLAFUL AND EDUCATION FOR SOCIALLY VULNERABLE YOUTH IN THE MUNICIPALITY OF TOLEDO/ PR.** 2017.113 p. Dissertation (Master of Education) - State University of Western Paraná - UNIOESTE, Cascavel / PR.

ABSTRACT: The thematic of socially vulnerable youth has been debated by varying fields of knowledge under various perspectives. Thus, the aim of this study is to're asking the playful and leisure experiences of young people attending the youth centers of the municipality of Toledo/PR. Research involves bibliographical, documentary and field studies. At the first moment, the selection of works with sociological approaches of Maffesoli (1996, 1998, 2001a, 1981 2010A, 2010B, 2014), Barros (2013); Paiva (2004); and theory/studies of Leisure of Dumazedier, (2001); Marcellino, (1998; 2007); Huizinga (2000); Bruhns (2004); Pimentel & Pimentel (2009) and Pimentel (2010); for the theoretical deepening of this study on the themes of leisure and playfulness. To know the pedagogical and institutional conditions of the centers, documentary research was conducted through an analysis of the youth Centers program of the state of Parana and the Municipal prefecture of Toledo/PR and, also, field research, in which it understood how to collect information, 15 interviews and observations of young people attending the youth center Márcio Antônio Henry Banks and the youth center Mariana Luiza Von Borstel and the 5 subjects responsible for organizing and executing the different Proposals for activities of the CEJUs. So from a comprehensive sociology, it was possible to highlight that the Toledo/PR Youth Center program can be characterized as a specific space of leisure, where playful demonstrations celebrate a being together whose grounds are less the universal reason than shared emotion, the feeling of belonging. However, the experiences of young people in relation to leisure and playfulness can be co-opted by the power established as a form of maintenance, homogenization and internalization of values guided in the logic of "must-be" and progress,

KEY WORDS: Youth; Leisure; Playful; Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BROCK – Rock brasileiro

CEDCA – Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente

CEJU – Centro da Juventude

COMJUTO – Conselho Municipal da Juventude de Toledo

CUFA – Central Única das Favelas

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

FAMECOS – Revista da Faculdade de Comunicação da PUCRS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

PEA – População Economicamente Ativa

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

SECJ – Secretaria de Estado da Criança e da Juventude

SEDS – Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social

SEDU – Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano

SIPIA – Sistema de Informação para a Infância e Adolescência

UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 – Visão arquitetônica (Visão geral.....	44
Imagem 2 – Visão arquitetônica (Elevação frontal e lateral.....	45
Imagem 3 – Visão arquitetônica (Planta)	45
Imagem 4 – Visão da entrada do CEJU Antonio Bombardelli	68
Imagem 5 – Visão do Ginásio do CEJU Antonio Bombardelli	68
Imagem 6 – Visão do Ginásio e Piscina do CEJU Mariana Luiza Von Borstel.....	68
Imagem 7 – Visão da entrada do CEJU Mariana Luiza Von Borstel	69
Imagem 8 – Memes da rede social da Secretaria Municipal da Juventude.....	82
Imagem 9 – Divulgação do 2º campeonato regional de Skate	84
Imagem 10 – Divulgação das Oficinas do CEJU do Jardim Europa	89
Imagem 11 – Opções de filmes oferecidos no Cine Estação	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Deslocamento e Tensão.....	29
Quadro 2 – Taxa de atividade de ocupação segundo faixa etária.....	38
Quadro 3 – Atividades do CEJU Marcio Antonio Bombardelli.....	66
Quadro 4 – Atividades do CEJU Mariana Luiza Von Borstel.....	66
Quadro 4 – Perfil/funções dos profissionais que compõem o CEJU	70

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

1. METAMORFOSEANDO	16
2. TECENDO O <i>PATCHWORK</i>	19

SEGUNDA PARTE

3. PRIMEIRO MOMENTO: NOÇÕES DE JUVENTUDE.....	25
3.1 IMAGINÁRIO DE JUVENTUDE	25
3.1.1 Juventude: tribos do Rock	30
4. SEGUNDO MOMENTO: JOVENS SOCIALMENTE VULNERÁVEIS E OS CENTROS DA JUVENTUDE	37
5. TERCEIRO MOMENTO: NOÇÕES DE LAZER E LÚDICO.....	46
5.1 LAZER SOB O FOGO DE PROMETEU.....	49
5.2 LÚDICO SOB O FOGO DE PROMETEU	55
5.3 LAZER, LÚDICO E ORGIASMO	59

TERCEIRA PARTE

6. OS PERGAMINHOS OFICIAIS DOS CEJUS DE TOLEDO/PR.	63
6.1 ERA UMA VEZ OS JOVENS. QUE JOVENS?.....	63
6.2 ERA UMA VEZ O LAZER. QUE LAZER?.....	64
6.3 ERA UMA VEZ O LÚDICO. ONDE ESTÁ O LÚDICO?.....	65
6.4 ERA UMA VEZ AS ATIVIDADES E OS ESPAÇOS. QUE ATIVIDADES? QUE ESPAÇOS?	66
6.5 ERA UMA VEZ OS OBJETIVOS EDUCACIONAIS. QUE OBJETIVOS.....	69
6.6 ERA UMA VEZ OS PROFISSIONAIS DO CEJU! QUEPROFISSIONAIS?	70
7. NOÇÕES DO JOVEM SOBRE OS JOVENS.....	75
7.1 JOVENS! QUEM SOMOS?	75
7.2 AS GALERAS DO CEJU	79
7.2.1 Galera da música	79
7.2.2 Galera da dança	81
7.2.3 Galera digital	81
7.2.4 Galera do esporte	82
7.2.5 Galera dos CDF	85
7.3 PARTICIPAMOS PORQUE É MASSA!	85
7.4 DUPLO ASPECTO EDUCATIVO DO CEJU	87
7.5 OS JOVENS SABEM O QUE QUEREM!	90
7.6 LAZER PARA MIM É!.....	92
7.7 LÚDICO PARA MIM É.....	93
8. OS ADULTOS DO CEJU E SUAS NOÇÕES	95

8.1 JUVENTUDE	95
8.2 LAZER	96
8.3 LÚDICO.....	97
DO <i>PATCHWORK</i> AO LENÇOL DE RETALHOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÃO .	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
APÊNDICES	105
LISTA DE APÊNDICES	106
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	107
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	109
APÊNDICE C – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS I	111
APÊNDICE D – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS II	112
APÊNDICE E – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS III	113

PRIMEIRA PARTE

1. METAMORFOSEANDO

Não haverá borboletas se a vida não passar
por longas e silenciosas metamorfoses.

(Rubem Alves)

As minhas experiências em relação ao lazer e ao lúdico estão baseadas em três importantes momentos ou em três metamorfoses, como diz o poeta Rubem Alves. A primeira como profissional do lazer na função de recreacionista e/ou animador sociocultural em hotéis na cidade turística de Foz do Iguaçu/PR. Neste espaço de tempo no qual a preocupação principal estava em promover momentos de coletividade, diversão, ludicidade, emoções e prazer aos hóspedes, a afinidade que eu tinha com o lazer era o que Maffesoli em seu livro *Saturação* (2010b) considera como “*orgia dionisiaca*”, ou seja, a relação que era planejada com aqueles turistas era a vivência contemplada pelo “jogo das paixões, a importância das emoções, a pregnância dos sonhos como cimento coletivo” (p. 28).

Em um segundo momento, no ingresso ao Ensino Superior, cursando Educação Física e, posteriormente, a especialização em lazer, Recreação e Educação Física Escolar. Assim, durante a temporada na academia, a relação com o lazer e o lúdico teve por base a perspectiva de aquisição de conhecimentos sistematizados, cujo objetivo era a formação de um profissional com apropriação teórica e prática para atuar na área escolar e em diferentes áreas do lazer.

A identificação com o pensamento de Maffesoli como suporte para refletir sobre as questões de lazer, do lúdico e da educação deu-se quando cursei como aluno especial o programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação - UNIOESTE, na disciplina de *Didática e Violência Escolar*, na qual nos concentramos sobre as noções de Michel Maffesoli para compreensão das diferentes (outras) modalidades de violência, além do viés de violação ou transgressão de regras, normas ou leis, estes estudos nos despertaram para uma de uma ciência menos enclausurada e mais libertária.

Assim, optou-se nessa pesquisa por referências teóricas que consideram, divulgam e compartilham uma ciência humanizada. Neste novo metamorfismo *stricto sensu*, o qual é possível evidenciar uma crescente valorização das vivências lúdicas e de lazer nas diversas ações da juventude, seja na esfera familiar, religiosa, escolar ou na roda de amigos que desejam inserir no seu cotidiano, mais alegria, prazer, diversão, emoção e o outro.

O fenômeno da juventude, inscrito em uma perspectiva pós-moderna, emerge como tema que merece atenção e outros olhares. No Brasil dos quase 191 milhões de habitantes, os jovens (entre 15 e 29 anos) somam aproximadamente 48 milhões (IBGE, 2010). Em Toledo/PR, décimo município mais populoso do estado do Paraná, com 119.313 habitantes, existem 33.088 jovens. Dentre essa juventude toledana, há uma parcela considerada como jovens em situação de vulnerabilidade social ou com direitos violados, que na grande maioria residem nos bairros mais populosos e periféricos da cidade, denominados Jardim América, Jardim Europa e Jardim Coopagro (IBGE, 2010; IPARDES, 2016).

O poder municipal em parceria com o governo estadual instituíram nestes locais, dois Centros da Juventude (Márcio Antônio Bombardelli e Mariana Luiza Von Borstel) considerados como espaços de educação informal e onde é oferecida aos jovens a possibilidade de produção e acesso aos conteúdos culturais, artísticos e participação de eventos esportivos e tecnológicos (IPARDES, 2011).

Para tanto, o desejo de conhecer o *ethos*¹ das vivências lúdicas e de lazer dos jovens que frequentam os Centros da Juventude na cidade de Toledo/PR, formam os objetivos deste estudo.

Desse modo, realizamos um trabalho pautado na sociologia compreensiva de Michel Maffesoli. O problema e os objetivos da pesquisa, a apresentação dos sujeitos selecionados, o percurso teórico e metodológico, o uso de diferentes técnicas de coleta, as categorias de análise e as premissas compõem a primeira parte da pesquisa, denominada “tecendo o *patchwork*”, ou seja, metaforicamente a partir do *patchwork* (emenda de retalhos) mostramos os logradouros percorridos nesta investigação.

¹ De acordo com Maffesoli (2014) *ethos* refere-se ao jogo de relações espaço e tempo que conectam os sujeitos a um local, de forma que a ênfase será depositada no que está próximo e no afetivo.

A segunda parte desse trabalho é dividida em três momentos: no primeiro, a temática da juventude foi abordada para além dos pressupostos biológicos e psicológicos, ou seja, a partir de uma postura sensível procuramos ressaltar questões relacionadas às noções de imaginário de juventude, evidenciando-a a partir do estilo musical do rock. No segundo momento, tratamos das questões relacionadas às noções de jovens socialmente vulneráveis e a perspectiva da política pública denominada Centro da Juventude. Buscamos evidenciar a organização e o encaminhamento legal desses espaços específicos de lazer. No terceiro momento, aprofundamos nossas compreensões com base no vivido e sob uma razão aberta, a partir de dois deuses gregos: *Prometeu* (deus do trabalho) e *Dionísio*, (deus do prazer) com vistas a apresentar algumas noções de lazer e lúdico. Assim, inicialmente destacamos a história desses dois mitos e, posteriormente, realizamos uma analogia da imagem do fogo de Prometeu e da orgia de Dionísio para nos aproximarmos dos fenômenos lazer e lúdico.

A terceira parte da pesquisa é resultado das observações e análise dos documentos oficiais que preconizam as instalações e sentidos dos Centros da Juventude do município de Toledo/PR, o objetivo é mostrar as noções de lazer, de lúdico e de juventude. Além disso, o levantamento das principais áreas do conhecimento contempladas, identificação dos objetivos educacionais, identificação dos tempos e locais atribuídos para as atividades desenvolvidas e a identificação do perfil dos profissionais do Centro da Juventude. Ainda na terceira parte, compartilhamos os dados das entrevistas realizadas com alguns jovens que frequentam os CEJUS e com determinados profissionais que estão a frente do programa.

2. TECENDO O PATCHWORK

O *patchwork* é conhecido como um trabalho construído a partir da emenda de retalhos, costurados de modo a gerar desenhos, compondo a parte de cima de uma peça e formando um grande design. Os mosaicos de *patchwork* são montados com pedaços de tecidos de algodão em cores e estampas variadas, que, combinadas, possibilitam a visualização de diversos padrões geométricos (quadrados, retângulos, triângulos, etc.) em sua composição, formas essas que são cuidadosamente medidas e cortadas. Existem várias técnicas para que se possa chegar a esse tipo de resultado (SANTOS, 2012, p.13).

É a partir dessa analogia que será compartilhado o encaminhamento metodológico. A propósito, o entendimento contemporâneo da vivência lúdica e do lazer de jovens inseridos em um meio de educação não formal, são os diversos padrões geométricos (quadrados, retângulos, triângulos, e outras figuras) do *patchwork* da pesquisa. Desse modo, temos como outros padrões geométricos, compreender os sentidos decorrentes das vivências de lazer dos jovens socialmente vulneráveis que frequentam os Centros da Juventude do Município de Toledo/PR. Além disso, apresentar as diferentes configurações do lazer, lúdico e juventude desses jovens, daqueles que fazem parte (administração, coordenação e execução) dos CEJUs e dos documentos que amparam legalmente o programa.

Outro ponto importante são os mosaicos combinados e a existência de várias técnicas para se chegar a algum resultado. Dessa forma, pode-se ressaltar que não existe um padrão único e/ou uma única forma de montagem e costura. Dentre a diversidade de metodologias disponíveis, os objetivos que norteiam este estudo e o referencial teórico adotado, a pesquisa privilegiou as obras *Elogio da razão sensível* (1998) e *O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva* (2010a) do pensador da pós-modernidade Michel Maffesoli, para serem as linhas das costuras do *patchwork*.

Assim, Maffesoli (1998) presenteia a abordagem com a fenomenologia formista, na qual se apresenta como “uma análise que se contenta em desenhar grandes quadros que têm por função apenas fazer sobressair a efervescência vital e dar a isso uma aparência de ordem intelectual” (p.128).

Sob a perspectiva da sociologia compreensiva, Maffesoli (2010a, p. 109), afirma que a noção de “formismo” é uma proposta que “permite por em relevo

características da vida social sem deformá-la em demasia”. O autor ainda propõe que a atitude formista:

respeita a banalidade da existência, das representações populares e das minúsculas criações que pontuam a vida de todos os dias. Ela não é doadora de sentido; ela não formula em certa finalidade religiosa, política ou econômica; ela não formula imperativos categóricos. À sua maneira, ela se contenta em dizer seu tempo, incorporando-se assim ao discurso polifônico que, a seu próprio respeito, uma sociedade produz. Talvez seja isto o que já se chamou “intelectualidade orgânica” (p.114).

Na obra *Fundamentos da Fenomenologia Formista de Michel Maffesoli* de Bastos; Alves & Schroeder (2015), enfatizam os procedimentos analíticos e a postura metodológica apresentada por Maffesoli, que são: senso comum, intuição, metáfora e a descrição.

Na analogia propõe-se que o senso comum são os diferentes pedaços de tecidos, possivelmente oriundos de outras peças, como colchas, almofadas, lençóis ou roupas, que por sua vez, são carregadas de histórias, emoções, momentos, ideias e verdades. Nas palavras de Maffesoli (1998), o senso comum é o conhecimento ordinário, que é entendido como:

sabedoria que está na base daquilo que se pode chamar de reencantamento do mundo. Todos esses rituais cotidianos, aos quais não se presta atenção, que são mais vividos do que conscientizados, raramente verbalizados, são eles, de fato, que constituem a verdadeira densidade da existência individual e social (p.173).

Portanto, evidencia-se como senso comum a vitalidade do conhecimento das massas, da cultura popular e também das diferentes manifestações do cotidiano, pois “o que constitui cultura é a opinião ‘o pensamento das ruas e das praças’, que são ingredientes essenciais do cimento emocional da socialidade” (MAFFESOLI, 2010a, p. 259).

Em relação à intuição, à metáfora e à descrição, o sociólogo francês as pontua como “procedimentos *acariciantes*, que não pretende reduzir o real, indicá-lo a direção certa, mas que se contenta em ressaltá-lo, epifanizá-lo” (MAFFESOLI, 1998, p.181).

Dessa forma, Bastos; Alves & Schroeder (2015) esclarecem que:

Ao compreender no que consistem estes momentos da análise formista, perceberemos como o método/atitude fenomenológica se estabelece na dinâmica de pesquisa, isto é, no movimento intelectual de compreensão do fenômeno pesquisado. Trata-se de uma forma de apreender a realidade que se pesquisa, de enxergar os dados como se mostram e que precisam ser objetivados na intenção do estudo (p.26).

Para Maffesoli (2010), essa atitude fenomenológica com postura “compreensiva” deve ter como fundamento o “místico” e “orgiástico”, que busca perceber o fenômeno sem cristalizá-lo com o intuito de ser uma maneira de pensar a “arte de fazer”. Para compreender é necessária generosidade de espírito e de aproximações.

Neste sentido, para tecer um *patchwork* sob um viés libertário e criativo é importante ter cuidado nas medidas, com o corte e com a costura. Nesta perspectiva, esta pesquisa envolveu estudos bibliográficos, documentais e de campo.

Em relação aos estudos bibliográficos, houve uma seleção de textos que se apresentaram como fundamentais para a contextualização deste estudo: aprofundando e evidenciando sobre o sociólogo Michel Maffesoli e as temáticas relacionadas à juventude, lazer, lúdico e educação.

Na pesquisa documental, foram considerados os documentos oficiais do poder estadual (Paraná) e municipal (Toledo/PR), que fomentam o Programa Centro da Juventude e os resultados dos estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE de 2010 e 2015. Os documentos oficiais selecionados foram: Deliberação 004/2009 - Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente da Secretaria de Estado da Criança e da Juventude, Projeto Centro da juventude (2012), Sumário Executivo do Programa da Juventude (2011), o Regimento Interno dos Centros da Juventude Márcio Antônio Bombardelli e Mariana Luiza Von Borstel e a Lei nº 2.210 – COMJUTO (2015).

A deliberação 004/2009 - Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente da Secretaria de Estado da Criança e da Juventude é o plano de lei que apresenta e justifica a importância da implementação dos Projetos Centro da

Juventude nas cidades do Estado do Paraná. Além da lei, a deliberação possui em anexo o *Projeto Centro da Juventude* (PARANÁ, 2009) ².

O *Projeto Centro da Juventude* (re)organizado pela Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social (SEDS) está dividido em quatro partes fundamentais: marco situacional; marco conceitual; marco organizacional e o marco operacional (PARANÁ, 2012)³.

O *Sumário Executivo do Programa Centros da Juventude* é um documento organizado pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) a Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social (SEDS), na qual apresenta um resumo dos resultados da implantação do Programa em 31 municípios do Estado do Paraná. (IPARDES, 2011).

O Regimento Interno é um documento desenvolvido pela equipe técnica dos Centros da Juventude de Toledo/PR, e serve como instrumento interno para subsidiar a organização dos espaços e das propostas oferecidas.

A Lei nº 2.210, de 16 de setembro de 2015 dispõe sobre a reestruturação do Conselho Municipal da Juventude de Toledo é um documento que de representação da população jovem, tendo como balizadores a Constituição Federal e o Estatuto da Juventude.

A partir do estudo documental foi possível a costura de duas partes fundamentais de todo o trabalho, resultando no capítulo *Jovens socialmente vulneráveis e os Centros da Juventude* e o capítulo *Os pergaminhos oficiais dos CEJUs de Toledo/PR*. No primeiro, enfatizamos as questões (raciais) sobre a juventude, a vulnerabilidade social dos jovens e parte organizacional e estrutural do Programa Centro da Juventude. Em relação ao segundo, evidenciamos o caráter prometeico do lazer, do lúdico e da juventude e um mapeamento do programa. Para isso, utilizamos como critérios: noções de lazer, noções de lúdico e noções de juventude; levantamento das principais áreas do conhecimento contempladas no projeto; identificação dos objetivos educacionais do programa; identificação dos

² A Deliberação 004/2009 foi alterada pela deliberação 009/2009. Publicação de uma errata alterando os artigos 1º, 6º, 7º e 8º (questões técnicas e de financiamento/convênio), do item 2.4.2 do Projeto Centro da Juventude (equipe mínima de trabalho) e a inclusão dos Anexos II e III e Termo de Adesão (também questões técnicas).

³ Em 2012 houve troca de gestão de governador, alguns projetos da gestão anterior foram trocados e outros revisados. No caso do Projeto Centro da Juventude, após a análise não verificamos mudanças nos aspectos de conteúdos, somente a alteração dos nomes dos gestores.

tempos e locais atribuídos para as atividades desenvolvidas e a identificação do perfil dos profissionais do Centro da Juventude.

Em seguida, realizou-se o trabalho de pesquisa de campo, a busca da *mostração* das realidades cotidianas dos profissionais responsáveis pelo planejamento, organização, gerenciamento e execução das propostas de atividades e dos jovens que frequentam os espaços de lazer, denominados Centro da Juventude Márcio Antônio Bombardelli e Centro da Juventude Mariana Luiza Von Borstel, localizados em dois bairros periféricos da cidade de Toledo/PR.

Para Maffesoli (2010b, p.36), não existe uma única realidade, mas, sobretudo, “maneiras diferentes de conhecê-las”. Nesse sentido, na intenção de mergulhar no mundo subterrâneo desses sujeitos e a fim de melhor compreendê-los, organizamos dois procedimentos de aquisição de dados - a observação participante e as entrevistas semiestruturadas.

As observações foram realizadas em períodos diferentes, manhã, tarde e noite na intenção de observá-los em diferentes programações. A partir das observações foi possível construir o diário de campo (uma cesta de retalhos) o qual envolveu a descrição dos sujeitos, descrição dos locais, dos eventos e atividades. Os retalhos entendidos aqui como descrições da parte subterrânea daquele grupo social denominado juventude, que por sua vez foram realizadas também a partir da *forma*, que é:

apenas uma tipificação elaborada a partir de dados observáveis, feitos à base de descrições, sem que se trate de suspeitar, criticar o que é observado ou descrito. Isso força uma conversão do olhar: apreciar cada coisa a partir de sua própria lógica, de sua coerência subterrânea (MAFFESOLI, 1996, p.143-144).

Em relação às entrevistas semiestruturadas, foi desenvolvido um roteiro destinado para 15 jovens, contendo 14 (quatorze) perguntas e outro roteiro para 05 profissionais responsáveis pelo planejamento, organização e execução das propostas/atividades, contendo 12 (doze) perguntas (APÊNDICES).

Em relação às entrevistas Martins & Bicudo (1989) destacam que:

Ao entrevistar-se uma pessoa, o objetivo é conseguir-se descrições tão detalhadas quanto possível das preocupações do entrevistado. Não é, tal objetivo, produzir estímulos pré-categorizados para respostas comportamentais. As descrições ingênuas situadas, sobre

o mundo-vida do respondente, obtidas através da entrevista, são, então, consideradas de importância primária para a compreensão do mundo-vida do sujeito (p.54).

Portanto, as observações e as entrevistas permitiram a ampliação e o encontro das informações obtidas na pesquisa documental e bibliográfica. Nessa perspectiva, intenciona-se manter maior fidedignidade dos achados, usando também a técnica de triangulação de dados, que de acordo com Triviños (1987, p 138) “tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude da descrição, explicação e compreensão do foco em estudo”.

No caso, devido à confecção do *patchwork* ter também intenções de representar ideias, emoções e histórias, sob o princípio do inteligível e do sensível.

SEGUNDA PARTE

3. PRIMEIRO MOMENTO: NOÇÕES DE JUVENTUDE

O modo de perceber a juventude ultrapassa as fronteiras dos estudos com primazia aos aspectos biológicos e ênfases ao desenvolvimento de fases da vida. Na ótica das abordagens biológicas consideram-se o jovem como aqueles sujeitos de 15 a 29 anos⁴, marcados por mudanças corporais, hormonais e psicológicas.

Desse modo, a partir de uma razão sensível pretende-se conhecer imaginários de juventude, na perspectiva de Michel Maffesoli (1996; 1998; 2001a; 1981, 2010a, 2010b; 2014).

3. 1 IMAGINÁRIO DE JUVENTUDE

A noção de imaginário na perspectiva maffesoliana nos parece muito profícua para refletirmos sobre o imaginário de juventude. Inicialmente trazemos passagens de uma entrevista realizada por Juremir Machado da Silva, em Paris, em 20 de março de 2001 para a Revista FAMECOS/PUCRS, com Michel Maffesoli, sobre as compreensões deste pensador sobre imaginário.

Na entrevista, é retomada a problemática do entendimento e equívocos realizados sobre a noção de imaginário, que por sua vez, é comum na universidade e nos diferentes enunciados midiáticos, principalmente, sobre o entendimento do termo como sinônimo de ficção, cultura ou ideologia.

Em relação à compreensão equivocada de imaginário como ficção, Maffesoli (2001a, p. 74) diz ser o resultado da “dominação da filosofia racionalista” na qual o entende como algo oposto da realidade, algo que não é visível, concreto e não mensurável. Dessa forma, entende-se o imaginário sob a perspectiva reducionista do conhecimento tradicional.

⁴ O Estatuto da Juventude, disposto na Lei n. 12.852, de 05.08.2013 (BRASIL, 2013), define como jovens as pessoas de 15 a 29 anos de idade.

Quando o jornalista perguntou sobre a diferença entre imaginário e cultura, Maffesoli em sua resposta instiga a refletir sobre a necessidade de um olhar menos racionalista e mais acariciante sobre as coisas. Nas palavras do autor:

A cultura pode ser identificada de forma precisa, seja por meio das grandes obras da cultura, no sentido restrito do termo, teatro, literatura, música, ou, no sentido amplo, antropológico, os fatos da vida cotidiana, as formas de organização de uma sociedade, os costumes, as maneiras de vestir-se, de produzir, etc. O imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável (MAFFESOLI, 2001a, p.75).

Nesse sentido, o imaginário é algo mais amplo que a cultura, ele “é, ao mesmo tempo, mais do que essa cultura: é a aura que a ultrapassa e alimenta” (p. 76). Na entrevista o francês cita Gilbert Durand, que ressalta, “nada se pode compreender da cultura caso não se aceite que existe uma espécie de *algo mais*, uma ultrapassagem, uma superação da cultura. Esse algo mais é o que se tenta captar por meio da noção de imaginário” (p. 75).

Sobre o aspecto da ideologia, o entrevistador questiona se *o imaginário não pode ser considerado como ideologia, inconsciente, de um grupo social?* Em sua resposta, Maffesoli, inicialmente pontua sobre os aspectos racionalizantes da ideologia, uma vez que, é geralmente caracterizada por “uma interpretação, uma explicação, uma elucidação, uma tentativa de argumentação capaz de explicitar”, não dando espaço para as questões que permeiam o imaginário, ou seja, “o onírico, o lúdico, a fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não-racionais o irracional, os sonhos, enfim, as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas” (MAFFESOLI, 2001a, p. 76-77).

Ainda sobre o assunto, o sociólogo afirma que:

O imaginário é também a aura de uma ideologia, pois, além do racional que a compõe, envolve uma sensibilidade, o sentimento, o afetivo. Em geral, quem adere a uma ideologia imagina fazê-lo por razões necessárias e suficientes, não percebendo o quanto entra na sua adesão outro componente, que chamarei de não racional: o desejo de estar junto, o lúdico, o afetivo, o laço social, etc (p.77).

No decorrer da entrevista, são citados alguns estudiosos do imaginário, tais como: Gaston Bachelard, Gilbert Durand, Jacques Lacan, Cornelius Castoriadis, percebe-se que Maffesoli possui aproximações teóricas com Bachelard e Durand, em relação aos outros dois, o sociólogo discorre algumas divergências:

Em Lacan, (...) cada coisa tem o seu lugar, o que rigidifica e desgasta instrumentos de conhecimento que só valem enquanto possuem a complexidade da vida. (...) apresenta categorias estanques na boa e velha tradição cartesiana (...). No fundo, Lacan nunca deixou de ser, apesar do seu lado provocador, um racionalista (p.79).

Em relação à obra de Cornelius Castoriadis, Maffesoli observa que o teórico se aprofundou na ótica da política, principalmente, sob influência do marxismo, nas palavras do autor:

Atribuiu, então, ao imaginário o papel que atribuía antes à infraestrutura. O imaginário, certamente, atua nos processos revolucionários, mas não se pode dizer que essa seja a sua prioridade, pois o imaginário opera em qualquer situação, contra ou a favor das revoluções. Há imaginário também na contra-revolução. Fazer do imaginário uma instância necessariamente revolucionária significa dar-lhe um estatuto que, por mais nobre, o limita (p.80).

Pode-se perceber que as críticas realizadas por Michel Maffesoli são justamente por que os autores anteriores tentaram enclausurar o imaginário em uma postura teórica racionalista. Contudo, as aproximações de Bachelard e Durand se justificam, pois são nesses autores que Maffesoli se fundamenta para compor e ampliar suas noções acerca do imaginário. Para Paiva (2004),

Maffesoli age um pouco de maneira iconoclasta para com os postulados de Bachelard e de Durand, que certamente são partes do seu oriente filosófico e epistemológico. De Bachelard, recolhe os saberes diurnos e noturnos, e os reúne numa perspectiva híbrida que abrange o aspecto dionisiano, nômade e tribalista da cultura. E percorrendo a obra de Durand, apreende as analogias, imagens e metáforas, mas trata de abolir os conceitos mecânicos como esquemas, estruturas e tipologias (p. 30).

Barros (2013, p. 326), em um dos seus trabalhos apresenta outro motivo de tal aproximação:

Bachelard foi o mestre de Durand, que, por sua vez, orientou o doutorado de Maffesoli. Portanto, o distanciamento entre eles não é tão grande. Muitas são as filiações teóricas de Maffesoli, para concluir, mas nenhuma tão especial quanto a de seu “pai espiritual”, Gilbert Durand.

Na obra *Saturação* (2010b), Maffesoli enaltece a postura de seu mestre Durand em investir nos estudos sobre o imaginário e sua importância nas diferentes instâncias da contemporaneidade. De acordo com o autor,

Há alguns decênios, eram raros aqueles que, como o antropólogo Gilbert Durand, apostavam um centavo furado nas “estruturas do imaginário”. Mas, como sempre, essa audácia teórica tende a se institucionalizar. E o imaginário é utilizado para tudo. Imaginário da política, da economia, da educação, da moda e ervilhas! Mas não importa que os espertalhões desvalorizem, mercadejem, deformem essa bela ideia. Isso significa, pelo contrário, que não se pode mais negar a importância do poder espiritual, o retorno vigoroso da cultura, o prevailecimento do imaterial, a presença do invisível (p. 29).

Gilbert Durand contrapõe as questões do positivismo, o evolucionismo e estruturalismo imperado pelo padrão da racionalidade única da modernidade. Assim, com um olhar antropológico fundamentado na cultura, no simbólico, no mítico, na criação artística e científica do homem, observa um sentido humano ao aspecto do imaginário. O autor na obra *As estruturas antropológicas do imaginário*, define imaginário como:

o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens – aparece-nos como grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano (DURAND, 2012, p.18).

Dessa forma, a compreensão de imaginário de Durand está ligada aos conjuntos de atitudes imaginativas (desejos, símbolos, mitos sonhos) vividas e experimentadas pelo ser humano.

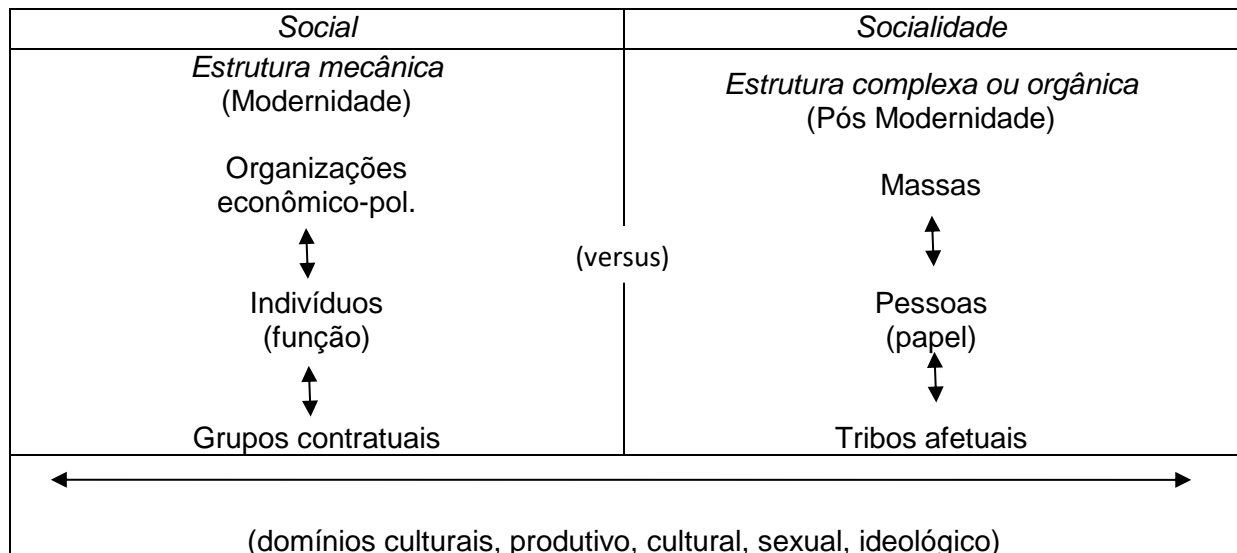
Maffesoli ao estudar o cotidiano pós-moderno, amplia a compreensão de imaginário, ou seja, da perspectiva individual para o coletivo. Ao abordar o

imaginário à noção de “aura” utilizada por Walter Benjamin⁵ ou o algo a mais da cultura e da ideologia, o sociólogo considera que:

O imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo. O imaginário pós-moderno, por exemplo, reflete o que chamo de tribalismo. Sei que a crítica moderna vê na atualidade a expressão mais acabada do individualismo. Mas não é esta a minha posição. [...] O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado, nação, de uma comunidade, etc (MAFFESOLI, 2001a, p.76).

O autor em seu livro *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa* (2014) apresenta um esquema (deslocamento e tensão) indicando a ideia da passagem da modernidade para a pós-modernidade. No esquema é possível compreender o sobressair do social para a socialidade, esta como uma “estrutura complexa ou orgânica” na qual a “massa” diferente das organizações instituídas, não se ampara na perspectiva de identidade, mas nas “identificações” e/ou “na valorização do papel que cada pessoa (persona) é chamada para representar” (MAFFESOLI, 2014, p. 10-11).

Quadro 1 – Deslocamento e Tensão



Fonte: (MAFFESOLI, 2014, p.11)

⁵ O sociólogo Maffesoli para se aproximar de uma definição da noção de imaginário, toma emprestado o termo de Walter Benjamin, que no ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* problematiza a questão de toda obra de arte possuir uma aura.

Maffesoli (2010b, p.40), define pós-modernidade como “sinergia entre o arcaico e o desenvolvimento tecnológico”. Assim, a ambivalência entre o arcaico e a novidade tecnológica apresentada pelo autor é o principal fundamento que diferencia a expressão pós-Modernidade de todas as demais fases anteriores.

Deve-se lembrar, decerto, que o arcaico — em seu sentido etimológico, aquilo é o primeiro, o fundamental — vê multiplicar seus efeitos pelos novos modos de comunicação interativa. À imagem do que foi a circunavegação no alvorecer dos tempos modernos, sendo a navegação a causa e o efeito de uma nova ordem mundial (aquilo que Carl Schmitt chama de “Nomos da terra”), (...) Não é necessário ser fanático por essas novas tecnologias interativas para compreender a importância daquilo que se combinou chamar, justamente, de “sites comunitários”. Myspace e Facebook permitem aos internautas tecer vínculos, trocar ideias e sentimentos, paixões, emoções e fantasias (*idem*).

É importante enfatizar, que há no meio acadêmico certo equívoco entre os termos pós-modernidade e o neoliberalismo, a principal confusão está na associação do termo pós-modernidade sob o viés econômico, questão base do neoliberalismo. Outra questão é a “dificuldade que consiste em reduzir um real denso e complexo a uma realidade mensurável” (MAFFESOLI, 2010b).

Assim, a noção do imaginário coletivo associada ao fenômeno do tribalismo pós-moderno “é precedida pelas noções da comunidade emocional, da potência e da socialidade que o fundamentam. E é seguido pelo policulturalismo e pela proximidade que são suas consequências” (p.12).

Com base no exposto, acreditamos que o movimento do rock vivenciado e modulado pela juventude expressa o fenômeno do neotribalismo, onde o que importa é o compartilhamento de emoções em comum e a vontade de “estar junto”. Dessa forma o rock'in'roll pode ser compreendido como um dos principais vetores da identificação (no passado e no presente) cultural global entre a juventude, um processo de identificação coletiva que através das canções produz compartilhamento de imaginários coletivos.

3.1.1 Juventude: tribos do Rock

A analogia entre a juventude e o rock é possível quando de forma aberta, evidenciamos este estilo musical como o favorecimento de um “paradigma estético”,

segundo Maffesoli (2014, p.134) “como a faculdade comum de sentir, de experimentar”.

Assim, pode-se evidenciar que o rock é o que impulsionou e o que impulsiona as pessoas a gritarem em “tribos”, buscando o prazer oriundo do ser/estar-juntas, uma forma de viver e sentir coletivamente.

O termo “tribo” é utilizado metaforicamente por Maffesoli (2014, p. 10) e “permite dar conta do processo de desindividualização”. Segundo o autor

Para dar conta desse conjunto complexo que proponho usar, como metáfora, os termos de “tribo” ou de “tribalismo”. Sem adorná-los, cada vez, de aspas, pretendo insistir no aspecto “coesivo” da partilha sentimental de valores, de lugares ou de ideais que estão, ao mesmo tempo, absolutamente circunscritos (localismo) e que são encontrados, sob diversas modulações, em numerosas experiências sociais. É esse vaivém constante entre o estático (espacial) e o dinâmico (devir), o anedótico e o ontológico, o ordinário e o antropológico, que faz da análise da sensibilidade coletiva um instrumento de primeira ordem. (MAFFESOLI, 2014, p.34-35).

Com base nessa perspectiva, são apresentadas algumas informações em relação ao surgimento do rock e outras questões ligadas ao rock nacional, dialogando com as proposições do neotribalismo de Michel Maffesoli.

De acordo com Couto (2008), na obra *Segredos e Lendas do Rock*, o estilo musical rock se desenvolveu nos anos de 1950, nos Estados Unidos da América, especificamente nos estados do Alabama, Mississippi e Louisiana Geórgia, locais de grande concentração de afro-americanos que possuíam na cultura os ritmos *Blue* e *Jazz*.

Na obra *Movimentos Culturais de Juventude*, Brandão e Duarte (1990), enfatizam alguns movimentos culturais realizados pela juventude e esclarecem que o rock é fruto da mistura de dois estilos musicais marginalizados, dos negros com o “rhythm and blues” e dos brancos pobres da zona rural com o “country and western”. Para os autores

Antes do surgimento do rock and roll, o mercado musical dividia-se em segmentos bastantes compartilhados pelos critérios raciais nos Estados Unidos, onde as gravadoras lançavam e divulgavam musicais feitas exclusivamente para brancos e musicas feitas exclusivamente para negros. A população urbana branca geralmente consumia música erudita popular romântica de cantores e orquestras como Franck Sinatra, Bing Crosby, Clean Miller Benny Goodman,

Tommy Dorsey etc. Já a população negra, preferia blues e o jazz de um sem número de artistas que sobreviviam tocando de cidade em cidade e lançando discos por pequenas gravadoras (BRANDÃO & DUARTE, 1990, p 20).

Tal afirmação também é evidenciada na obra *O que é o rock* de Paulo Chacon (2001), o autor também retrata o Estados Unidos como país de origem do rock e, que segundo ele é:

muito mais do que um tipo de música: ele se tornou uma maneira de ser, uma ótica da realidade, uma forma de comportamento. O rock é e se define pelo seu público. Que, por não ser uniforme, por variar individual e coletivamente, exige do rock a mesma poliformia, para que se adapte no tempo e no espaço em função do processo de fusão (ou choque) com a cultura local e com as mudanças que os anos provocam de geração a geração (p.18-19).

Desse modo, o mesmo autor esclarece que o rock é muito mais que a fusão de dois estilos musicais “rhythm blues” com o “pop music” e “country”, mas, sobretudo, o protesto dos jovens negros, a postura conservadora dos jovens brancos e o sofrimento dos jovens camponeses (CHACON, 2001).

Nesse contexto, é possível enaltecer os principais grupos sociais (“*rhythm blues*”, “*pop music*” e “*country*”) que em seu universo coletivo celebravam o estar-junto, o compartilhamento de sensibilidades e emoções que determinam tantas outras tribos: “o rock”, que possui a mesma estética. Outra questão própria desses grupos sociais evidenciada na apresentação é o caráter da “potência societal”. Para Maffesoli (2007, p.99),

Eu a denominei socialidade, centralidade subterrânea; pouco importa o termo. Tratava-se de chamar a atenção para essa força interna, precedendo e dando as bases do poder sob suas diversas formas. Parece-me que é essa “força” que está em curso no neotribalismo contemporâneo e nas múltiplas identificações que não deixam de ser impulsionadas.

Ainda sobre esse tema, o sociólogo francês (2014) afirma:

Trata-se de uma força bem difícil de explicar, mas da qual se pode constatar os efeitos nas diversas manifestações da socialidade: a astúcia, a autorreferência, o ceticismo, a ironia e o humor negro dentro de um mundo considerado em crise. Já que é a crise dos poderes, naquilo que eles têm de formal, de abstrato, é essa

oposição entre o poder extrínseco e a potência intrínseca (...)
(MAFFESOLI, 2014, p.58).

Em relação ao rock nacional, principalmente aquele dos anos 1980 não foi diferente, pois é possível perceber além de um estilo de música, uma potência instituinte e um querer estar-junto, potencializador de socialidade cujo fundamento é a coerência das identificações (estética) dos grupos, que querem cantar e gritar ao país que não concordam com o poder instituído.

Os estudos de Rochedo (2011) sobre o rock brasileiro da década de 1980, a qual faz uma trajetória do rock nacional (BRock⁶), analisando a juventude, a produção musical e o contexto político em que o país se encontrava, enfatiza:

As bandas que surgem (especialmente em Brasília) expressam seus sentimentos em relação ao que acontecia. Como existia uma insatisfação da população muito forte entre os jovens, era um caminho certo esta identificação entre as bandas e o público, estas que imprimiam nas músicas o seu momento histórico-social (p. 41).

Desse modo, o estudo elucida bandas criadas em Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, que são consideradas as mais expressivas e onde houve uma maior formação de tribos de jovens influenciados pelo gênero musical. Segundo a autora

No Rio de Janeiro o rock tinha por característica a leveza e o bom humor. Além disso, era a cidade onde se encontravam as gravadoras, as rádios, jornais e revistas, os espaços para shows e a Rede Globo. (...) A partir do Rock in Rio, em 1985, torna-se referência como “cidade do rock”, no Brasil. Brasília, (...) repleta de novos moradores, oriundos dos mais diversos lugares. Era uma cidade conhecida por suas poucas opções de lazer, e os que mais sentiam esta deficiência eram os adolescentes (...). O processo criativo do rock brasileiro adquiriu características peculiares, pois a cidade oferecia um contexto fértil para que as bandas optassem por temáticas politizadas, como grupos Legião Urbana, Plebe Rude e Capital Inicial. Além de ser capital federal, também foi considerada por algumas pessoas, a capital brasileira do rock. Em São Paulo (...), a influência veio do movimento punk. Nos bairros e subúrbios da cidade, grupos ligados ao gosto pelo punk rock eram movidos pela busca de atividades diversificadas. Foi na cidade que ocorreu o primeiro Festival Punk, em 1982. (ROCHEDO, 2011, p 43-44).

⁶ BRock é um termo utilizado por Rochedo (2011) para indicar o rock brasileiro.

Além do aspecto político e econômico, outros assuntos foram tema das composições do rock brasileiros, dentre eles, pode-se destacar o amor, sexo, ética, cotidiano, questões pessoais e profissionais da juventude e uma forte intensidade ao assunto AIDS e a homossexualidade (ROCHEDO, 2011).

Com base no exposto, enfatiza-se que o rock nacional dos anos 80 pode ser também entendido, como “manifestações anômicas” do querer-viver social frente ao dever-ser imposto pela moral estabelecida daquela época.

As questões relacionadas ao querer-viver social e o dever-ser são tratadas por Maffesoli nas obras: *Dinâmica da Violência* (1987) e *A violência totalitária ensaio de antropologia política* (1981). Assim, a partir da ambivalência entre a potência e o poder, o autor apresenta diferentes modulações da violência (violência totalitária, anômica e a banal), na qual o querer-viver social está ligado à violência anômica, que é a capacidade de embate ao domínio do poder instituído (dever-ser) que busca em sua essência a planificação, controle e dominação (MAFFESOLI, 1987; 1981).

Dessa forma, o Brock dos anos 80 se configurou como violência anômica com o intuito de proteção e busca de uma nova ordem social. Os atos de resistência às diversas formas de ilegalidade consubstanciavam-se em revoltas latentes implícitas no grito de suas melodias e letras. Maffesoli (1987, p. 53) afirma que “é sempre por um ato de violência que se inicia um novo sistema social”.

Dentre várias bandas e canções, evidencia-se a canção *Aloha*⁷ da banda *Legião Urbana*, que através da letra enalteceu a juventude e a denúncia de uma desordem (para os jovens) ou uma ordem instituída do Estado.

*Será que ninguém vê
O caos em que vivemos?
Os jovens são tão jovens
E fica tudo por isso mesmo
A juventude é rica, a juventude é pobre
A juventude sofre e ninguém parece perceber
Eu tenho um coração
Eu tenho ideais
Eu gosto de cinema
E de coisas naturais
E penso sempre em sexo, oh yeah!*

⁷ Composição de Renato Russo, canção presente no disco *A Tempestade*. Rio de Janeiro: EMI-ODEON, 1996.

*Todo adulto tem inveja, todo adulto tem inveja
 Todo adulto tem inveja dos mais jovens
 A juventude está sozinha
 Não há ninguém para ajudar
 A explicar por que é que o mundo
 É este desastre que aí está
 Eu não sei, eu não sei
 Dizem que eu não sei nada
 Dizem que eu não tenho opinião
 Me compram, me vendem, me estragam
 E é tudo mentira, me deixam na mão
 Não me deixam fazer nada
 E a culpa é sempre minha, oh yeah!
 E meus amigos parecem ter medo
 De quem fala o que sentiu
 De quem pensa diferente
 Nos querem todos iguais
 Assim é bem mais fácil nos controlar
 E mentir, mentir, mentir
 E matar, matar, matar
 O que eu tenho de melhor: minha esperança
 Que se faça o sacrifício
 Que cresçam logo as crianças.*

Dessa forma, a Legião Urbana e tantas outras bandas como: Blitz, Barão Vermelho, Paralamas do Sucesso, Capital Inicial, Plebe Rude, Titãs e a Ultraje Rigor, podem ser compreendidas como figuras “emblemáticas” e/ou “místicas” que segundo Maffesoli (2014, p.18),

(...) são, de certa maneira, ideal-tipos, “formas” vazias, matrizes que permitem a qualquer um reconhecer e comungar com outros (...), os tipos sociais que permitem uma “estética” comum e que servem de receptáculo à expressão do “nós”. A multiplicidade, em tal emblema, favorece infalivelmente a emergência de um forte sentimento coletivo.

Outro aspecto que acreditamos ser bem pertinente em relação aos jovens pertencentes aos microgrupos sociais do rock são os trajés, a maneira de cortar o cabelo e/ou recusar o corte, os brincos (que vão além das orelhas), os bigodes, barbas e os diferentes mosaicos expressos nas tatuagens que colorem de forma efêmera e lúdica os corpos juvenis.

Ademais, sobre a aparência (compreendida também como estética), Maffesoli (2014, p. 139) sinaliza que,

(...) é um meio de experimentar, de sentir em comum, e é, também, um meio de reconhecer-se (...). Em todo caso, os matizes da vestimenta, os cabelos multicoloridos, e outras manifestações *punk* servem de cimento. A teatralidade instaura e reafirma a comunidade. O culto do corpo, os jogos de aparência só valem porque se inscrevem em uma cena ampla na qual cada um é, ao mesmo tempo, ator e espectador.

Na obra *No Fundo das Aparências*, Maffesoli também ressalta a questão do vestuário, da “roupa-armadura” compreendida pelo francês como “máquinas de comunicar”. Além disso, “a preocupação com a aparência (...), mais que uma simples superficialidade sem consequências, inscreve-se num vasto jogo simbólico, exprime um modo de se tocar e de estar em relação com o outro, em suma de fazer sociedade” (MAFFESOLI, 1996, 160-161).

As discussões apresentadas conduzem às noções de juventude metaforicamente como tribo do rock, devido ao espetáculo do estilo musical ser elemento que promove a proximidade, o celebrar coletivo, a comunhão e o querer-viver-juntos. Assim, a necessidade de pertencimento cria laços, que, embora delicados e instáveis, os fazem experimentar um vibrar em comum. No entanto, as misturas que realizam não criam uma identidade única e imutável, mas identificações sociais.

4. SEGUNDO MOMENTO: JOVENS SOCIALMENTE VULNERÁVEIS E OS CENTROS DA JUVENTUDE

A população de jovens (entre 15 e 29 anos) no Brasil é de aproximadamente 48 milhões (24,1% do total de habitantes). De acordo com os estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010) e (2015) existe uma tendência de diminuição deste grupo populacional, a projeção indica que os valores poderão ser de 21,0%, em 2030, e 15,3%, em 2060.

De acordo com as análises dos estudos e pesquisas demográfica e socioeconômica do Brasil, a Educação e a defasagem escolar é um importante indicador de vulnerabilidade⁸ social. Em relação a juventude a pesquisa aponta que

entre os jovens de 15 a 17 anos de idade a frequência escolar aumentou de 81,8% para 84,3%, entre 2004 e 2014; no mesmo período, houve ligeira queda de 32,2% para 30,0% no indicador daqueles de 18 a 24 anos de idade; já para os jovens de 25 a 29 anos de idade, que já estariam no final do seu ciclo escolar, a frequência à escola é bem mais baixa, chegando a 11,0% em 2014 (IBGE, 2015, p.30).

Assim, é possível identificar uma taxa de abandono escolar precoce e o seguinte questionamento, se estes jovens não estão na escola, por onde andam? Uma das respostas a este questionamento está relacionada ao nível de ocupação (trabalho). De acordo com o último senso realizado (IBGE, 2010), 53,5% dos jovens de 15 a 29 anos estão trabalhando, 36% estão estudando e 22,8% estão trabalhando e estudando. Em um estudo mais recente (IBGE, 2015, p.31) pontua que “os jovens de 15 a 29 anos de idade, um em cada cinco não frequentava escola e não trabalhava na semana de referência, neste último ano”.

Na cidade de Toledo/PR, de acordo com os dados do IBGE (2010) e IPARDES (2016) a população jovem compreende de 15 a 19 anos: 10.440; de 20 a 24 anos: 10.393; de 25 a 29 anos: 9.539 pessoas, totalizando 33.088 jovens (30,11% dos 109.857 habitantes).

⁸ A determinação da vulnerabilidade social é indicada a partir de dados relativos a frequência à escola, escolaridade, inserção no mercado de trabalho, valor do rendimento familiar médio mensal, entre outros (IBGE, 2015).

Dentre o total destes jovens, 5.457 estão matriculados no ensino médio. Embora que, no ano de 2014, 23,9% dos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental – do 6º ao 9º ano – apresentavam distorção entre a idade e a série e no Ensino Médio, a taxa foi 21% (IPARDES, 2016). Dessa forma, é possível que o número de jovens matriculados seja maior que o índice apresentado.

A seguir temos a demonstração sobre a taxa de atividade (percentagem economicamente ativa) e a taxa de ocupação⁹ dos jovens toledanos.

Quadro 2 – Taxa de atividade de ocupação segundo faixa etária

FAIXA ETÁRIA (anos)	TAXA DE ATIVIDADE (%)	TAXA DE OCUPAÇÃO (%)
De 15 a 17	49,29	76,94
De 18 a 24	81,34	91,62
De 25 a 29	88,76	95,83

Fonte: (IBGE, 2010)

Nacionalmente, segundo dados do PEA – População Economicamente Ativa, 53% dos jovens (15 a 29 anos) possuem algum trabalho remunerado. Porém, 21% dos jovens que estão desempregados, os quais 8% estudam e 12% não estão estudando (BRASIL, 2013).

Outro indicador de vulnerabilidade é a questão da violência, dados da síntese de indicadores sociais - IBEGE (2015) afirmam que no Brasil,

os indicadores de mortalidade é uma importante forma de se inferir sobre questões relacionadas à saúde do jovem (...), para os anos de 2004 a 2014, evidenciam, em primeiro lugar, maior mortalidade masculina no grupo de jovens de 15 a 29 anos quando comparada com a feminina “(33,7 para homens e 8,7 para as mulheres)”¹⁰. Tal comportamento pode ser explicado pela maior incidência de óbitos por causas violentas – principalmente, suicídios, homicídios e acidentes de trânsito (p.32).

No município de Toledo/PR, não há dados precisos sobre a mortalidade desse grupo etário, mas é possível identificar também uma maior mortalidade no sexo masculino (204 óbitos) em relação ao feminino (171 óbitos). As taxas

⁹ Ocupação remunerada em dinheiro, produtos, mercadorias ou benefícios (moradia, alimentação, roupas etc.) na produção de bens e serviços; ocupação remunerada em dinheiro ou benefícios (moradia, alimentação, roupas etc.) no serviço doméstico; ocupação sem remuneração na produção de bens e serviços, desenvolvida durante pelo menos uma hora na semana.

¹⁰ Óbitos por 1 000 pessoas.

mortalidade de causas externas são: (unidade 100 mil habitantes) 33,77 para acidentes de trânsito; 13,05 para outras causas de lesões acidentais; 9,21 lesões autoprovocadas intencionalmente (suicídios) e 13,05 por agressões (homicídios) (IBGE, 2010; IPARDES, 2016).

Com base nos dados apresentados e no intuito de ampliar os direitos e prevenir a vulnerabilidade social da juventude brasileira, em 2013 por meio da Lei nº 12.852 foi estruturado o Estatuto da Juventude

o instrumento legal que consolida os direitos dos jovens de 15 a 29 anos de idade, quanto à cidadania, à participação social e política e à representação juvenil; à educação; à profissionalização, ao trabalho e à renda; à saúde; ao desporto e ao lazer; à igualdade; à cultura; ao território e à mobilidade; à sustentabilidade e ao meio ambiente ecologicamente equilibrado; à segurança pública e ao acesso à justiça (IBGE, 2015, p.30 *apud* BRASIL, 2013).

Trata-se de um instrumento democrático para influenciar as políticas e ações em direitos humanos para a juventude. Um dos encaminhamentos pensados/consolidados para minimizar a desigualdade social dos jovens foi a estruturação dos Centros da Juventude. Apesar da estruturação em 2013, anteriormente já se pensava em intervenções parecidas.

De acordo com Spósito & Carrano (2007), na obra *Juventudes no mundo contemporâneo* há uma avaliação sobre as políticas públicas propostas aos jovens do Brasil no período de 1995 a 2002. Destaca-se nesse parecer que as implantações dos Centros da Juventude compreendem uma das ações do Programa Brasil Jovem do segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso. De acordo com estes autores,

As ações desse programa como um todo se voltaram para os jovens entre 14 e 25 anos em condições de vulnerabilidade social. (...) Os centros deveriam funcionar como polos de distribuição de informações sobre programas, projetos e serviços nas áreas de saúde, educação, cultura, capacitação para o trabalho, esporte, proteção, justiça e assistência social. Teriam como objetivo estabelecer conexões entre a oferta e a demanda desses serviços, apoiando a juventude local na busca de soluções para os seus problemas. A informação, o esporte e a cultura são apontados como o tripé de sustentação da agenda das atividades. Os Centros da Juventude foram, assim, concebidos para serem de responsabilidade do governo local, dos jovens e da comunidade (SPÓSITO & CARRANO, 2007, p. 195).

Dessa forma e com algumas alterações, no Paraná, através da deliberação 004/2009 - Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente da Secretaria de Estado da Criança e da Juventude, justificam a constituição do Programa Centros da Juventude no estado:

os altos índices de violência que atingem a população infanto-juvenil, enquanto vítima ou autora; que os adolescentes, 12 a 18 anos, compõem o grupo de maior risco de exposição à violência; que os principais fatores de risco à violência são: fracasso e evasão escolar; uso abusivo de drogas; dificuldade em acessar bens culturais pela população na faixa da pobreza; ausência de oportunidades de formação profissional; insuficiência de oferta de atividades socializadoras como arte, esporte, lazer; insuficiência ou ausência de espaços de diálogos e participação política e social da juventude; o princípio da proteção integral, base do Estatuto da Criança e do Adolescente; o regime de atendimento de apoio sócioeducativo em meio aberto, previsto no art. 90, II, do ECA; o Decreto nº 3.963/94 que regulamenta a utilização dos recursos do FIA-PR no atendimento à população; o princípio da descentralização e municipalização do atendimento das crianças e adolescentes; o estabelecido no “Pacto pela Infância e Juventude”, aprovado pelo Decreto nº 1.414/2007; que o fortalecimento de “redes de proteção” à população infanto-juvenil requer o comprometimento de diferentes esferas de governo e dos setores organizados da sociedade; que as ações de proteção e de garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes devem atender ao princípio da prioridade absoluta; que os adolescentes devem participar na elaboração das políticas e programas a eles destinados, bem como atuarem na perspectiva da construção de projetos de futuro tanto individuais como coletivos, intervindo de forma decisiva no destino das populações excluídas e invisibilizadas (PARANÁ, 2009, p. 01).

A mesma deliberação enfatiza que os CEJUs serão mantidos pelos Municípios beneficiados e têm como público prioritário jovens em situação de vulnerabilidade e direitos violados. Em relação aos os aspectos ou pré-requisitos para o recebimento do programa, o documento em seu Art. 2º delibera:

I – VIOLÊNCIA: percentual de participação no Estado nos seguintes indicadores: a) homicídios na população entre 15 e 19 anos; b) apreensões de adolescentes relacionada a drogas; c) violações de direitos fundamentais do ECA em população entre 12 e 18 anos; II – procedência de internação nos Centros de Socioeducação acima de 04 (quatro) adolescentes em 2008; III – CAPACIDADE DE RESPOSTA: receita municipal per capita entre R\$600,00 (seiscentos reais) e R\$ 1.400,00 (mil e quatrocentos reais); IV – DEMANDA: a) população de 12 a 17 anos de idade acima de 3.800 (três mil e

oitocentos) adolescentes; b) população pobre de 12 a 17 anos de idade acima de 1.000 (mil) adolescentes (*idem*).

Além disso, os municípios que apresentarem as considerações supracitadas terão que realizar as seguintes contrapartidas:

I – disponibilizar terreno de propriedade do Município, com área mínima de 50 x 100 metros, em condições para a construção do Centro da Juventude, conforme projeto elaborado pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano – SEDU, e juridicamente afetado para este fim; II – assumir todas as despesas de custeio necessárias à manutenção do espaço público e à execução da proposta político-pedagógica do Programa; III – assumir todas as despesas de pessoal, mantendo a equipe mínima de profissionais para o Programa; IV – disponibilizar e articular os serviços públicos municipais a fim de viabilizar e potencializar a dinamização do Centro da Juventude, tais como transporte, infraestrutura urbana, programas sociais, educacionais, esportivos ou culturais, etc.; V – manter em funcionamento e sistematicamente atualizado pelos conselheiros tutelares o Sistema de Informação para a Infância e Adolescência – SIPIA I; VI – prestar informações sobre a execução do Programa, periodicamente e sempre que solicitado, ao gestor da política estadual, a SECJ, e ao CEDCA; VII – incluir na ação local, documentos, relatórios e publicidades institucionais do Município relativos ao Programa, à denominação “Programa Centros da Juventude” (PARANÁ, 2009, p. 02).

Com base nesse contexto, dentre as políticas voltadas para a juventude no município de Toledo/PR, o Centro da Juventude Márcio Antônio Bombardelli e o Centro da Juventude Mariana Luiza Von Borstel se constituem em uma referência para os jovens socialmente vulneráveis dos bairros periféricos Jardim Europa/América e Jardim Coopagro.

Para tanto, a cidade de Toledo/PR segue as normativas contidas no documento *O Projeto Centro de Juventude: parâmetros para implantação e funcionamento dos centros da juventude* (versão revisada) organizado pela Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social (SEDS) no qual estabelece:

a constituição de práticas pedagógicas progressistas nos Centros de Juventude - espaços abertos de convivência, de formação e de cidadania dos jovens, para jovens e pelos jovens. Destinados à população jovem, com prioridade para 12 e 18 anos, definidos como adolescentes pelo artigo 2º do ECA e como adolescentes-jovens (15 a 17 anos), pelas políticas públicas para a juventude, o Centro de

Juventude se constitui como uma das respostas do poder público paranaense à necessária implementação de políticas destinadas à juventude socialmente vulnerável (PARANÁ, 2012, p.03).

O documento está organizado em quatro marcos estruturantes - *marco situacional* que expõe aspectos relacionados ao panorama da juventude nacional e estadual; o *marco conceitual* que aponta as diretrizes pedagógicas; o *marco organizacional* apresenta a estruturação e organização das intervenções, espaços e acesso e o *marco operacional* que realiza o planejamento dos recursos físicos, humanos e questões relacionados ao orçamento (PARANÁ, 2012).

Em relação aos aspectos relacionados às noções de vulnerabilidade social ou como enfatiza o projeto do CEJU fatores de riscos que se incluem ao contexto de violência, em todas suas formas, o jovem socialmente vulnerável, público alvo do programa são aqueles sujeitos contidos ao:

Fracasso e evasão escolar; uso abusivo de drogas; dificuldade em acessar bens culturais; ausência de oportunidades de formação profissional; insuficiência de atividades socializadoras como arte, esporte e lazer; escassez ou ausência de espaços de diálogos e participação política e social de crianças, adolescentes e jovens, (*idem*, p.5).

Outra informação importante foi a ênfase dada às periferias das cidades que são locais onde se encontra a maior situação de vulnerabilidade social, violência e o contexto de outras desigualdades. Assim, o documento aponta que:

jovens que são vistos com preconceito por morarem em áreas pobres, via de regra, em áreas de ocupação irregular, sub habitação, classificadas como violentas. Acrescidos desses aspectos, a vivência da condição juvenil é também classificada em razão de desigualdades de gênero, de preconceitos e discriminações que atingem diversas etnias, orientação sexual, gosto musical, pertencimentos associativos, religiosos, políticos, de galeras, de turmas, de grupos e de torcidas organizadas (PARANÁ, 2012, p. 08).

Nesse sentido, os CEJUs Márcio Antônio Bombardelli e Mariana Luiza Von Borstel, na sua conjuntura legal, (como supracitado) são opções para o jovem pobre, negro, vítima de violência, carente de condições, sociais, culturais e econômicas. No entanto, questionamos: os outros jovens que não se enquadram neste perfil, podem usufruir destes centros da juventude? As políticas para a juventude necessitam ser

encaminhadas não apenas sob o viés da ordem econômico-social, mas priorizadas viabilizando o de acesso aos direitos sociais e à cidadania de todos.

Em relação às diretrizes pedagógicas, que faz referência à teoria política e pedagógica de Paulo Freire, cujo princípio está pautado no método da educação popular com dois princípios principais, primeiro diz respeito ao teor político do ato educativo e, o segundo, à dialogicidade do ato educativo.

Na parte do marco conceitual, o documento destaca que

Um dos axiomas do Método em questão é que não existe educação neutra. (...) E assim, no Centro da Juventude, torna-se possível a criação e (re) criação de perspectivas individuais e coletivas de vida e de participação social por um público que, em grande parte, até então não vislumbrou a garantia de seus direitos, e ou, até, os assistiram serem violados. (...) A relação pedagógica necessita ser, acima de tudo, uma relação dialógica. Essa premissa está presente no método em diferentes situações: entre educador e educando, entre educando e educador e o objeto do conhecimento, entre natureza e cultura. (PARANÁ, 2012, p16-17).

Diante disso, é importante enfatizar também o aspecto socioeducativo, como preconiza o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, lei que o projeto referencia ao assegurar os direitos fundamentais que os jovens possuem, especificamente o Art. 90 “apoio socioeducativo em meio aberto”.

Entende-se por regime de apoio socioeducativo em meio aberto o que visa prestar atendimento à criança e/ou ao adolescente em estado de vulnerabilidade, vínculos familiares fragilizados ou conflituosos, violados em seus direitos fundamentais, em um sistema de atendimento aberto e constituído de espaços formativos, garantindo a participação da comunidade e da família com vistas a uma inserção social qualificada e garantidora dos direitos estabelecidos pelo ECA (PARANÁ, 2012, p 06).

Ainda sobre esse assunto, as dimensões do processo socioeducativo nos Centros da Juventude devem garantir:

1. Uma dimensão investigativa, uma vez que, os jovens devem ser envolvidos no desenvolvimento de várias enquetes ou atividade de pesquisa qualitativa ou quantitativa sobre sua realidade;
2. Dimensão da mobilização social e formação política para a intervenção em políticas públicas locais e setoriais;
3. Dimensão da articulação, com a intenção de intervir de forma articulada, para evitar o isolamento por parte de jovens do Centro de Juventude em relação à jovens de

outras instituições, escolas, igrejas, etc; 4. Dimensão multiplicadora da ação formativa: as atividades e processos podem ser multiplicados em outros ambientes educativos com jovens e comunidades em geral (*idem*, p. 17-18).

No que se referem ao marco organizacional, visando à participação efetiva dos jovens, os Centros adotaram diferentes estratégias, são elas inscrições individuais ou em grupos e empréstimo dos espaços. Para o acesso é exigida a assinatura de um Termo de Compromisso e responsabilidade, terá ainda uma carteira de identificação.

A gestão utilizada é formada por um colegiado específico, na forma de conselho gestor, formado por representantes de jovens, pais, comunidade e educadores como preconizam as normativas da deliberação 004/2009.

Em Toledo/PR, foi reestruturado o Conselho Municipal da Juventude de Toledo – COMJUTO, LEI Nº 2.210, de 16 de setembro de 2015, que em seu Art., 2º preconiza

O Conselho Municipal da Juventude de Toledo – COMJUTO, instituído pela Lei nº 1.838, de 15 de maio de 2001, é um órgão colegiado, de caráter permanente, deliberativo, consultivo e fiscalizador, de representação da população jovem, tendo como balizadores a Constituição Federal e o Estatuto da Juventude.

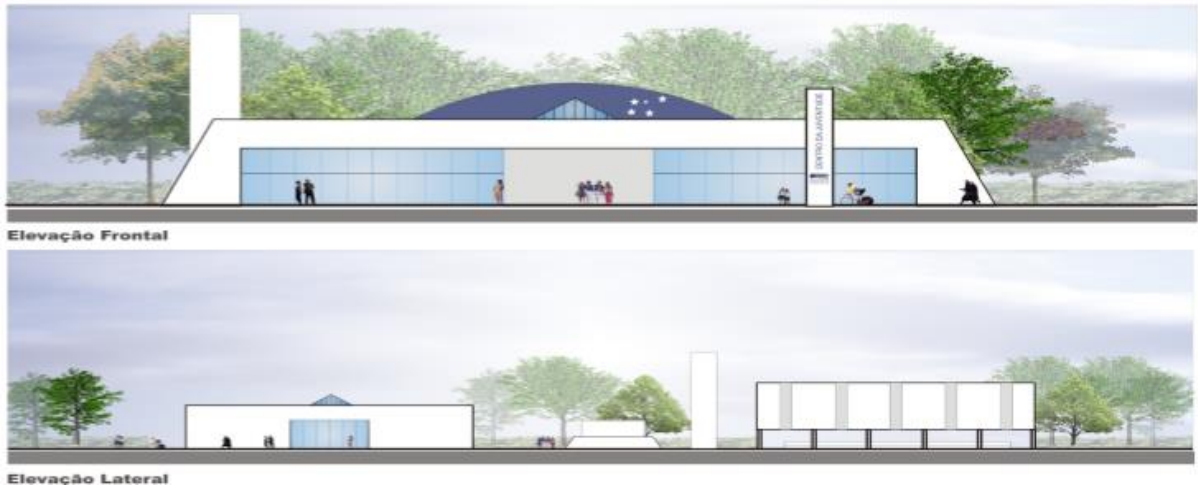
Os espaços foram construídos arquitetonicamente para permitir o acesso e a permanência dos jovens todos os dias da semana, caracterizando como um espaço aberto e democrático.

IMAGEM 1 – Visão arquitetônica– Visão geral



Fonte: (Deliberação 004/2009 - CEDCA/PR)

IMAGEM 2 – Visão arquitetônica (Elevação frontal e lateral)



Fonte: (Deliberação 004/2009 - CEDCA/PR)

Cada unidade contará com um bloco para atividades educativas - que vai abrigar laboratório, biblioteca, sala de informática, auditório, salas multiuso para: espaço para prática de dança, formação para o mundo do trabalho, entre outras e uma rádio comunitária experimental; e um bloco para atividades esportivas, contando com a praça, teatro de arena, pista de skate e ginásio poliesportivo, piscinas para a prática de esportes aquáticos e de lazer, em alguns casos (PARANÁ, 2012, p 27).

IMAGEM 3 – Visão arquitetônica - Planta



Fonte: (Deliberação 004/2009 -CEDCA/PR)

5. TERCEIRO MOMENTO: NOÇÕES DE LAZER E LÚDICO

As noções de lazer e lúdico são abordadas a partir da “razão sensível” de Maffesoli (1998), ou seja, uma compreensão não enjaulada que privilegia os sentimentos, a imaginação, a ambivalência e a sensibilidade.

Sendo assim, com base no vivido e sob uma razão aberta foram escolhidas as imagens de dois deuses gregos: *Prometeu* (deus do trabalho) e *Dionísio*, (deus do prazer) para mostrar algumas noções de lazer e lúdico.

Sobre estes deuses Maffesoli (2010b p. 27) revela que:

A mitologia, a literatura e até mesmo o pensamento filosófico ou sociológico têm evocado os papéis desempenhados por Prometeu ou Dionísio. Aliás, pouco importa os nomes. Basta lembrar que são figuras emblemáticas, representando polaridades inversas, porém não menos complementares. *Uma espécie de complexio oppositorum.*

Em relação ao deus Prometeu, Santana (2006), em seu livro *Dança na cultura digital* faz uso de metáforas para desenvolver sua pesquisa. Logo, para destacar a origem da humanidade, a autora apresenta a primeira cena da tragédia "Prometeu Acorrentado" do poeta Ésquilo inspirado no mito do grego. De acordo com a pesquisadora:

(...) depois que os Deuses haviam criado as criaturas mortais, Prometeu e Epimeteu, seu irmão, foram encarregados de atribuir capacidades a cada criatura e a organizá-las. Epimeteu (cujo nome significa “reflexão tardia”) esqueceu-se da “raça dos homens”, e Prometeu vendo que o homem estava desprotegido roubou o fogo dos céus e entregou-o aos homens que puderam evoluir e distinguir-se dos outros animais. Mas Zeus, percebendo que o fogo divino havia sido roubado, castigou Prometeu colocando-o amarrado no monte Cáucaso onde todos os dias uma águia iria comer-lhe o fígado durante 30.000 anos. Como era imortal, Prometeu tinha seu fígado regenerado todo dia e sua sina prosseguia sol-a-sol. Reza a lenda que Hércules, tendo concluído seus doze trabalhos, salvou Prometeu em uma das suas aventuras (SANTANA, 2006, p. 16).

Consta que com a apropriação do fogo (símbolo da razão) roubado, o homem passou a ser capaz de dominar a natureza e isso ele faz através do trabalho. Dessa

forma, Maffesoli (2010b) chama a atenção para o que ele denomina como “Projeto prometeico”, que não é somente o

dominar a fauna e flora, mas também poder sobre o indivíduo e o social. É sobre essa lógica da dominação que vai ser construído o mito do Progresso e do igualitarismo, que é seu corolário imediato. Usando palavras mais comuns, as três tetas desse projeto são o higienismo (ou o risco zero), a moral e a sociedade “sem mácula” (p. 33).

O autor utiliza o mito de Prometeu para compreensão. Dentre outros fundamentos, o projeto de vida é pautado no bem-estar, na ideologia do trabalho, na perspectiva positivista da ordem e do progresso. O deus grego Dionísio, contemplado nos estudos de Marlene Fortuna (1999) em sua tese de doutorado e, posteriormente, em forma de livro titulado como *Dionísio e a comunicação na Hélade: o mito, o rito e a ribalta* (2005), o apresenta em várias versões, mas inicialmente, expõe os fatos mais notórios e mais difundidos sobre as principais fases da sua vida. A autora realiza uma biografia de Dionísio:

(...) *Nascimento*: Dionísio era filho de Júpiter e Sêmele, e caracteriza-se por dois nascimentos. No primeiro, o deus foi arrancado do ventre de sua mãe Sêmele por seu pai Zeus. Ela estava se incinerando por ter visto Zeus divino, que lhe apareceu na incandescência de raios e relâmpagos. Quem atçou Sêmele a pedir a presença divina de Zeus à sua frente foi Hera, sua esposa legítima, movida por um ciúme doentio. Isso prova que o humano não tem capacidade para receber o divino em sua presença. (...) *Infância*: Dioniso, ao sair da coxa do pai, foi entregue às ninfas, aos sátiros, às musas e aos pastores dos bosques de Nisa, que o criaram. O menino cresceu e na juventude criou seu próprio grupo. Passou toda a sua infância longe do Olimpo, sozinho, tendo recebido mais tarde apenas um preceptor que fazia parte de seu séquito: Sileno. *Juventude*: foi criado pelos campos, sofrendo, por um lado inúmeras perseguições, mas, por outro lado dançando, cantando, saltitando e ensinando a tos certos cultivos; o mais importante deles: a vinha. *Idade adulta*: de peregrinação em peregrinação, Dionísio, de perfil nômade, esteve em muitos lugares sempre ensinando o canto, a dança, a arte de beber, o cultivo de certas vegetações. Dioniso percorreu: Trácia, Índia, Tebas, Beócia, Frígia, Ilha de Argos e de Naxos, Egito, Jônia, Corinto, Ática, todas as regiões da Grécia que não era uma (nunca foi), e sim dividia em cidades-estados, formando outras e tantas pequenas Grécias. (FORTUNA, 2005, p 27-28).

Outro aspecto importante abordado pela autora é a ostentação das “máscaras metamorfoseantes”, segundo a qual:

Nenhum deus do panteão grego apresenta maior pluralidade de caráter e de aspectos da personalidade, todos revestidos de suas respectivas máscaras, como Dioniso. Máscaras atemporais, mas metamorfoseantes no espaço em que o deus se encontra, sempre objetivando demonstrar ou conseguir alguma coisa (...) Fazendo *jus* às máscaras de Dioniso (...), há os diferentes nomes que recebe, dependendo das próprias metamorfoses que encarna: *LIBER*: livre, liberal. *EVÁ*: *Evoé Baco! Suas sacerdotisas as orgias, corriam de todos os lados gritando Evoé Baco! Que quer dizer “gritar”, “reverenciar”, aleluia. Termo de origem grega. NISOHUS*: *aquele que afugenta as mágoas. Lembra o monte Nisa para onde foi levado ainda bebê, como forma de fugir dos rancores de Heras. BROMIUS*: *barulhento* (p. 55-56).

Ainda sobre a questão da máscara, a pesquisadora evidencia Maffesoli com a obra *A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Para a autora, o francês:

adjetiva Dionísio atribuindo-lhe nove máscaras básicas. Nelas, há o predomínio mais do lado negativo do que do lado positivo: deus da violência, da aberração, da anomia, da incerteza, do delírio, da confusão, reservando a coesão, a comunhão e a efervescência da festa para consagrar o deus, consagrar a parte que lhe cabe à alegria (FONTANA, 2005, p. 56).

Na obra, Maffesoli (1985, p.15), além de apresentar Dionísio como o “deus de múltiplas faces,” o sociólogo fundamenta a orgia do deus grego como uma das estruturas essências da socialidade. Para o autor a orgia é:

em sentido estrito, “virtuosa”: de uma só vez, ela realça e renova a força que consolida o coletivo. É ela ainda que permita, além do político e do social, de suas imposições bem como de seus controles, a perduração (fora de planificações e de toda a forma de “dever-ser”.) desta forma vaga, mas dinâmica que chamo de socialidade de base (p. 72).

Assim, o mito de Dionísio utilizado por Maffesoli é metaforicamente compreendido sob a perspectiva social, em que a coletividade ultrapassa o viés do individualismo, enaltece, principalmente, o retorno do estar-junto ao invés do dever-ser.

5.1 LAZER SOB O FOGO DE PROMETEU

No âmbito dos estudos na área do lazer, as pesquisas científicas realizadas no Brasil possuem um viés multidisciplinar, ou seja, é objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento (PEIXOTO, 2007). Contudo, sob diferentes linhas de pensamento essa interdisciplinaridade tem provocado diferentes proposições. O professor e antropólogo José Guilherme C. Magnani (2000) em suas pesquisas confirma o multidisciplinar da área:

(...) o lazer e seus desdobramentos (históricos, políticos, teóricos, metodológicos) já não podem ser devidamente equacionados de acordo com o enquadramento habitual, sendo preciso analisa-lo sob seus vários ângulos, o que, por sua vez, exige a colaboração de diferentes pontos de vista (p.25).

Outra questão importante é a falta de um consenso entre os pesquisadores sobre concepções, definições e surgimento do lazer (MAGNANI (2000); WERNECK ¹¹ (2000); BRUHNS (2004); GOMES (2004a); GOMES (2004b); PEIXOTO (2007); MARINHO & PIMENTEL (2010)).

Embora não exista um consenso entre os estudiosos do lazer, há pelo menos a maioria deles a concordância de que a consolidação da industrialização/urbanização e as questões trabalhistas marcam o interesse em relação aos estudos referentes à área do lazer (PEIXOTO, 2007).

De acordo com os estudos de Werneck (2000) e Gomes (2004b), os quais pesquisam sobre as produções científicas de lazer no Brasil, afirmam que especificamente a partir do final da década de 1960 que se observa um avanço significativo de publicações em relação aos estudos do lazer.

Além disso, é possível constatar a influência de duas principais bases teóricas que predominou e prevalecem nos estudos do lazer no Brasil, são eles: o pensamento de Joffre Dumazedier (reconhecimento internacional) e do brasileiro Nelson Carvalho Marcellino (reconhecimento nacional).

Joffre Dumazedier foi um sociólogo francês especialista em estudos sobre o lazer, participou de várias intervenções promovidas pelo Serviço Social do Comércio

¹¹ Werneck (2000) e Gomes (2004a) correspondem a mesma pessoa.

(SESC) ¹² em São Paulo, seminários na Universidade de Brasília, do Movimento de Cultura Popular da cidade de Recife e das autoridades eclesiásticas de Pernambuco (GOMES, 2004b).

O referencial teórico de Dumazedier, ainda hoje é citado por vários pesquisadores cujo tema é o fenômeno do lazer. Para Werneck (2000) Dumazedier,

representa uma grande contribuição para a constituição do lazer, enquanto um sistematizado campo de estudos no Brasil, uma vez que sua produção (fundamentada na "sociologia do lazer" norte-americana) teve grande aceitação e influência em nosso país ao longo da década de 1970. Nesse contexto histórico, foi significativa a organização de um grupo de estudos e pesquisas empíricas no "Centro de Estudos do Lazer" – Celazer – do Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo (...) estimularam o intercâmbio de ideias e a preocupação com o desenvolvimento do lazer, enquanto uma área de estudos e de intervenção profissional (p. 80-81).

Os conhecimentos e os cursos do sociólogo Dumazedier em relação ao lazer no Brasil instigaram o intercâmbio de ideias e o desenvolvimento do lazer, enquanto uma área de estudos e de intervenção profissional. Gomes (2004b), em seus estudos evidencia principalmente dois estudiosos brasileiros que se dedicaram às reflexões de Dumazedier: Luiz Octávio de Lima Camargo que teve Dumazedier como orientador em seu doutorado na Faculdade de Ciências da Educação na Universidade Sobornne-Paris V e Renato Requixa que pautou suas discussões na proposição do processo do desenvolvimento industrial e das políticas públicas de lazer. Ambos os autores também são referências no processo histórico do lazer no Brasil.

Assim, Dumazedier na obra *Lazer e Cultura Popular* define lazer como:

(...) um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (2001, p.34).

¹² O Serviço Social do Comércio - Sesc foi criado pelo Decreto-Lei nº. 9.853, de 13 de setembro de 1946, como resultado da ação de empresários e organizações sindicais, sob o comando de João Daudt d'Oliveira. Nasceu a Entidade com o objetivo de contribuir para o bem-estar e melhoria da qualidade de vida dos comerciários e de suas famílias e para o aperfeiçoamento moral e cívico da coletividade.

Além da definição, o mesmo autor em suas pesquisas, classifica o lazer em cinco grandes áreas de interesses (artísticas, intelectuais, físico-esportivo, manuais, sociais) que têm grande repercussão nos estudos brasileiros. Ampliando essa compreensão, Camargo (1986) e Schwartz (2003), acrescentam outras áreas - a turísticas e a virtual.

Em relação aos conteúdos artísticos, existe a busca nas atividades e/ou vivências de forma preponderante, a satisfação do imaginário (imagens, emoções e sentimentos), seu conteúdo é estético e configura a beleza e o encantamento. Assim, abrange todas as manifestações artísticas como teatro, dança, música e folclore, entre outros.

Entretanto, as atividades intelectuais, compõem a busca de informações que permitem maior compreensão do real, do conhecimento vivido e experimentado, a exemplo: leitura (livros, revistas, internet), a participação em cursos, entre outros.

E os físico-esportivos referem-se a todas as atividades em que prevaleça o movimento corporal, tais como: exercícios físicos, as diversas modalidades esportivas, as ginásticas e as caminhadas, entre outros.

Os interesses manuais envolvem todas as atividades que estimulam as capacidades de manipulação, transformação e cuidado com objetos ou materiais de natureza vegetal e/ou animal, a exemplo: o tricô, artesanato, bricolagem, jardinagem, relacionamento com animais.

As atividades sociais são entendidas como a busca de formar ou manter relacionamentos, por meio de contatos e/ou convívios sociais, a exemplo: participação em bailes, danceterias, frequência a clubes e associações, encontros em bares, cafés e restaurantes. As turísticas são atividades que proporcionam a ruptura da rotina temporal e espacial pela busca de novas paisagens, pessoas e costumes, experiências, através de viagens e passeios locais ou em outras localidades.

E a área virtual acontece quando as formas de vivências de lazer utilizam tecnologia como as do computador, videogame, televisão que são representativos desse interesse.

Esta classificação é adotada e difundida pela maioria dos estudos brasileiros, compreendendo-a de forma dialetizada, ou seja, os conteúdos das sete categorias se interrelacionam, bem como, mantêm relações com o todo da vida social, portanto,

seus conteúdos não se apresentam isolados no contexto cultural (MELO E ALVES JUNIOR, 2003).

Os mesmos autores enfatizam que a classificação dos conteúdos culturais de lazer por Dumazedier deve servir como orientação para um trabalho efetivo e diversificado dos profissionais do lazer. No entanto, não pode ser considerado algo sistemático, estático e perfeito. Destacam que “deve ter em vista as possibilidades de cruzamentos complexos que se estabelecem entre os diferentes interesses” (p. 40).

Nesta direção, Marcellino (2007), afirma que essa classificação em áreas de interesses “só pode ser estabelecida de forma subjetiva e, em termos de predominância, considerando que, na prática, eles compõem um todo interligado” (p. 122). Desse modo, uma mesma atividade de lazer pode proporcionar a satisfação de um ou vários interesses culturais para uma pessoa, ao mesmo tempo ou em momentos diferentes, logo igualmente, muitas vezes, eles podem se integrar.

Neste contexto, Queirós (1999), em sua pesquisa sobre festa e dança, coloca um exemplo, demonstrando a possibilidade de cruzamento e predominância entre os conteúdos de lazer de diferentes áreas de interesses:

Especificamente em relação à festa, observa-se que as pessoas podem participar dela, buscando, principalmente, a satisfação dos interesses sociais. De outra forma, satisfazendo os seus interesses físico-esportivos, por exemplo, através de estilos e manifestações de danças, jogos e competições. Podem ainda, buscar a satisfação pelos interesses artísticos que a festa propõe, como por exemplo, a apreciação de apresentações e exposições de diversos tipos, bem como no prazer da gastronomia que a festa oferece (QUEIRÓS, 1999, p. 39).

A autora ainda esclarece que essa relação multidisciplinar entre os interesses dos conteúdos do lazer em uma festa, vai depender de algumas considerações, tais como tipo de festa, das atividades que proporciona, da escolha pessoal em optar ou não pelas atividades, do tempo disponível, em torno de um interesse e de outros, de forma simultânea ou não.

O sociólogo Dumazedier (2001), também categoriza o lazer, em relação aos valores, dividindo-o em três categorias principais categorias, as quais podem se manifestar individualmente ou simultaneamente, sendo elas: *Descanso*: para liberar-se da fadiga das obrigações cotidianas, particularmente do trabalho profissional;

Divertimento: recreação, evasão e entretenimento e *Desenvolvimento*: enfatiza o desenvolvimento pessoal e social, ou seja, o desenvolvimento cultural das pessoas através do lazer.

Nesse sentido, Marcellino (2006, p 61), chama a atenção quanto aos 3Ds do lazer, visto que,

é importante lembrar que, para a vivência de um lazer de qualidade, é necessário haver um equilíbrio entre esses três fatores. E em sua atuação, o educador não deixará de lado os dois primeiros, sem dúvida, muito importantes quando se trata de lazer, mas enfatizará o terceiro, mais diretamente ligado ao duplo aspecto educativo do lazer.

Como mencionado no início dessa seção, outro autor de grande influência nos estudos do lazer é o professor Nelson Carvalho Marcellino, licenciado em Ciências Sociais, mestre em filosofia da Educação e doutor em Educação. Para Marinho & Pimentel (2010), em um capítulo do livro *Teorias do Lazer (2010)*, no qual realizam uma retomada das principais categorias da teoria do lazer, pontuam que Marcellino realiza uma reestruturação de algumas teses de Dumazedier, especialmente, por ultrapassar a ideia de lazer como simples “conjunto de ocupações” e o entendimento de que lazer e ócio não são polos opostos.

Marcellino (2007), em seu livro *Lazer e Educação* compreende o lazer:

(...) como a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível”. O importante, como traço definidor, é o caráter “desinteressado” desta vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. “A disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (p.31).

Marinho & Pimentel (2010), afirmam que Marcellino utiliza “tempo disponível” e não “tempo disponível” devido a entender que nenhum tempo é totalmente livre de coações ou normas de conduta social. Outro aspecto importante é a compreensão do lazer como dimensão da cultura.

Para Peixoto (2007), a compreensão de lazer do professor Marcellino se apoia nas ideologias de Gramsci. Não obstante, o lazer é visto como um fenômeno

produzido historicamente no qual o tempo, espaço e a atitude são fundamentos para o desenvolvimento de uma norma ordem social.

De acordo com Werneck (2000), ao advogar sobre a produção de Marcellino ressalta que sua teoria é:

considerada na atualidade a mais expressiva referência sobre os estudos do lazer, sendo o autor mais citado nas pesquisas sobre o tema. Suas publicações mais importantes são *Lazer e humanização* (1983); *Lazer e educação* (1987) e *Pedagogia da animação* (1990), sendo que esses e inúmeros outros trabalhos organizados pelo autor constituem hoje o arcabouço teórico que fundamenta o conjunto dos estudos realizados sobre o lazer no Brasil. (...) esse pesquisador vem ocupando a mais alta posição nas hierarquias instituídas no campo do lazer em nossa realidade, detendo assim o monopólio da autoridade científica (WERNECK, 2000, p. 81).

Na obra *Lazer e Educação* (2007), Marcellino amparado nos estudos do sociólogo Requixa, o qual considera a potencialidade educativa que as intervenções do lazer podem possuir, evidencia o duplo aspecto educativo do lazer. De acordo com o autor

(...) que o lazer é um veículo privilegiado de educação; e a segunda, que para a prática positiva das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, com o enriquecimento do espírito crítico, na prática ou na observação. Verifica-se, assim, um duplo processo educativo – o lazer como veículo e como objeto de educação (MARCELLINO, 2007, p. 58-59).

O lazer como objeto de Educação ou Educação para o lazer é entendido como ações preocupadas em educar para o lazer. Ou seja, para a prática das atividades de lazer são necessários o estímulo, o aprendizado, a iniciação aos conteúdos culturais através dos diferentes profissionais ou família. É quando se possibilita informações e conhecimentos para que o indivíduo possa melhor exercer certas atividades de lazer.

Entretanto, o lazer como veículo de Educação ou Educação pelo lazer é promovido através da vivência das atividades de lazer, considerando suas potencialidades para o desenvolvimento pessoal e social.

Diante do exposto, após apresentar as duas principais teorias que perpassam as diferentes produções relacionadas ao lazer e ao momento histórico, é possível afirmar como fator predominante as questões relacionadas ao *tempo* e ao *trabalho*.

Até aqui, foram apresentadas que o fenômeno lazer está moldado pela categoria estruturante temporal (livre, livre de obrigações, disponível), na qual buscam-se explicações sobre a melhor forma de otimizá-lo na sociedade materializada pela industrialização e urbanização.

O tempo de lazer como contraponto do tempo de trabalho é o “entendimento do lazer como sendo oposto ao trabalho e assim sendo, como algo não produtivo que emperra ou debilita a produção” (BRUHNS, 2004, p.94). A ideia não é postular qual das teorias é a mais pertinente ou remeter outra teoria do lazer, mas evidenciar metaforicamente que o tempo e o trabalho, categorias estruturantes do lazer moderno, são as luzes das chamas do fogo de Prometeu.

Para Bruhns (2009, p. 01) sobre o a crise do lazer moderno,

(...) três elementos mostram-se fortemente envolvidos: o trabalho como realização de si, a política como expressão da vida social (gerando um poder agressivo) e a fé no futuro como motor do projeto individual e social. Panorama este onde foi desenvolvida uma tentativa (bem sucedida) de domesticação das massas, do assentamento no trabalho e no destino à residência.

O entendimento do lazer sob o viés de Prometeu é valorizá-lo a partir da racionalização do tempo e do espaço e submetê-lo ao grande fundamento da modernidade que é a ideia de progresso.

5.2 LÚDICO SOB O FOGO DE PROMETEU

No que se refere ao lúdico, a maioria dos estudiosos e pesquisadores tem como base teórica as proposições de Johan Huizinga, com a obra *Homo ludens* publicado no Brasil na década de 1980.

Assim, em seu livro o autor esclarece

Em época mais otimista que a atual, nossa espécie recebeu a designação de *Homo sapiens*. Com o passar do tempo, acabamos por compreender que afinal de contas não somos tão racionais quanto a ingenuidade e o culto da razão do século XVIII nos fizeram supor, e passou a ser de moda designar nossa espécie como *Homo*

faber. Embora *faber* não seja uma definição do ser humano tão inadequada como *sapiens*, ela é, contudo, ainda menos apropriada do que esta, visto poder servir para designar grande número de animais. Mas existe uma terceira função, que se verifica tanto na vida humana como na vida animal, e é tão importante como o raciocínio e o fabrico de objetos: o jogo. Creio que, depois de *Homo faber* e talvez ao mesmo nível de *Homo sapiens*, a expressão *Homo ludens* merece um lugar em nossa nomenclatura (HUIZINGA, 2000, pp. 03).

Dessa forma, a compreensão do lúdico a partir do jogo, que por sua vez, é apresentada como fundamento principal da cultura humana é a principal perspectiva adotada pela maioria dos pesquisadores que estudam este conhecimento e/ou é partir dessa compreensão que sugeriram tantas outras apreensões.

Não diferente da compreensão de lazer, o lúdico também é um fenômeno que segundo Gomes (2004a), na obra *Dicionário Crítico do Lazer* o emprega como “um ponto obscuro” (p.141). A autora no capítulo *Verbetes Lúdico* ressalta diferentes autores para problematizar e conceituar a palavra lúdico e ao final de seu texto, conceitua como:

expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com o contexto. Por essa razão, o lúdico reflete as tradições, os valores, os costumes e as contradições presentes em nossa sociedade. Assim, é construído culturalmente e cerceado por vários fatores: normas políticas e sociais, princípios morais, regras educacionais, condições concretas de existência (GOMES, 2004a , p. 144).

Marcellino ao considerar o lúdico como algo privilegiado da área do lazer se posiciona da seguinte maneira:

Minha posição de optar por uma abordagem do lúdico não “em si mesmo”, ou de forma isolada nessa ou naquela atividade (brinquedo, festa, jogo, brincadeira etc), mas como um componente da cultura historicamente situada. (...) Assim, essa opção está diretamente vinculada ao caráter utópico deste estudo, à medida que pretendo fundamentar uma alternativa pedagógica, baseada na consideração do componente lúdico da cultura, a partir da sua manifestação nas relações sociais. (...) Assim, o lúdico como componente da cultura, também precisa ser visto dessa dupla perspectiva: como *produto* e como *processo*; enquanto *conteúdo* e enquanto *forma*. (MARCELLINO 1998, p.28-29).

Em Oliveira (2010), encontramos evidências de uma racionalização prometeica para com o lúdico. O texto do autor denominado *Dimensão lúdica e*

marxismo: aproximações iniciais não possui essa perspectiva como principal finalidade. Na verdade, trata de uma análise da otimização do tempo livre na infância. Assim, no decorrer no texto, ele aborda a problemática das diferentes referências ao lúdico infantil e à defesa do mesmo como categoria teórica de superação ao capitalismo. Para o autor,

(...) no entendimento de lúdico, trazido pela maioria dos pesquisadores da área, que o posiciona no sentido do lúdica-atividade e, ainda, no lúdico como instrumento/meio para se alcançar algum fim (lúdico tempo ou atitude). Ou seja, muitas vezes, o lúdico não é o foco final e vem atrelado aos conceitos e entendimentos de jogo, brinquedo ou brincadeira cuja utilidade é para tornar o ser brincante distraído, com bons costumes e moral, além de aprender melhor os conteúdos que lhes forem repassados (OLIVEIRA, 2010, p. 34).

Nesse sentido, inspirados nos estudos do professor Marcellino¹³, Oliveira (2010), denuncia o aspecto funcionalista, compensatório e moralista do lúdico, utilizado principalmente no processo de escolarização. Assim, o pesquisador enfatiza que,

Foi na Pedagogia que o lúdico se tornou um meio para alcançar a aprendizagem, principalmente, guiada pela teoria desenvolvimentista criada pelo psicólogo suíço Jean Piaget (1896-1980). Nesta abordagem, a criança brinca à medida que avança as fases de aprendizagem ou estágios de desenvolvimento que seguem números etários mais ou menos determinados (OLIVEIRA, 2010, p. 35).

É fato que não é somente a área da Pedagogia que instrumentalizou o lúdico para buscar um suposto sucesso do processo de ensino e de aprendizagem, mas também as áreas do conhecimento, contempladas na organização da educação formal tem a dimensão lúdica agregada como metodologia para a transmissão de conhecimentos sistematizados e valores instituídos.

Oliveira (2010), além de pontuar a escola como espaço de manifestação de um tipo de lúdico, chama a atenção para outros espaços, que segundo ele é corrompido especialmente pela lógica do capitalismo

¹³ Pedagogia da animação (1990)

Atualmente, o capital produz o lúdico em qualquer espaço, seja na rua, na praça, no quarto, na *lan house*, no carro, no shopping, no clube, no quintal, na praia, etc. e os sujeitos determinados pelo capital também criam seus lúdicos na compreensão equivocada de que o mesmo se aproxima de liberdade ou, o que é pior, de evasão da realidade (OLIVEIRA, 2010, p.36).

Outro aspecto relevante, (novamente amparado pelos estudos de Marcellino, especificamente sobre o furto do lúdico) é a preocupação da imposição de ocupações do tempo da infância, “que não mais se mostra lento, espontâneo, criativo e emancipado”. Dessa forma,

Os estímulos tecnológicos, tais como vídeo games, play-stations ou, ainda, a esportivização precoce traduzida em escolinhas de treinamento de futebol, natação, ballet e ginástica rítmica, escolas de informática, escolas de línguas, lutas marciais e outras ocupações, tomam o tempo que deveria ser proposto para a consolidação de uma infância menos norteada pelo treinamento e preparação para o mundo adulto, ou seja, para um tempo de fruição dessa geração (OLIVEIRA, 2010, p. 36-37).

No texto “A sala de aula como espaço para o jogo do saber” de Marcellino (2008), é apresentada a defesa do aspecto lúdico no processo de ensino e aprendizagem e o lúdico permeado nas imposições do âmbito escolar. Para tanto foi inspirado na teoria *Homo ludens*. O autor acredita que:

o “jogo do saber”, praticado com características lúdicas é uma alternativa para a denúncia da realidade tal como se apresenta, e, assim sendo, a sala de aula, longe de ser espaço de alienação, poderia ser encarada como um dos espaços de resistência (MARCELLINO, 2008, P.60).

Nessa abordagem foram expostas algumas apreensões e possibilidades do fenômeno lúdico e, posteriormente a Huizinga pode-se perceber algumas características que permeiam suas compreensões. Nesse sentido, principalmente sob o viés prometeico, ou seja, um pensamento engessado e racionalizante foi possível identificar a dimensão do lúdico a uma determinada fase da vida: a infância.

Outro fator é o lúdico utilizado especificamente como uma metodologia do processo educativo. Portanto, é utilizado como meio para se atingir ou consolidar os objetivos que norteiam as diferentes matrizes curriculares da educação formal.

Foi possível também, verificar o lúdico como categoria de superação do capitalismo, dessa forma, os jogos e brincadeiras ganham aspectos ideológicos contemplando a luta de classes e a emancipação da sociedade.

5.3 LAZER, LÚDICO E ORGIASMO

Olhar para o lazer cujo enfoque não seja prometeico e que as dimensões dionisíacas (subjetivas, afetivas e emocionais) sejam apreciadas, necessitamos a priori uma postura onde o desejo seja a contemplação do fundamento e não somente o da causa, na qual prevaleça o como ao invés dos porquês.

A mesma atitude devemos também ter em relação ao lúdico, desse modo compartilhamos os estudos de Pimentel & Pimentel (2009) em *Discurso do Lúdico nos discursos sobre o Lúdico*, a partir de uma perspectiva discursiva, os autores colocam em evidência e analisam várias definições, emitidos por dicionários especializados e também não especializados da área, que “tentam” racionalizar o lúdico, impondo uma identidade específica.

Assim, evidenciando o lúdico em sua discursividade, ou seja, elucidando-o como discurso “implica estar inserido nele, ser por ele interpelado. Ao se tentar racionalizá-lo, confronta-se com uma interdição à ludicidade” (PIMENTEL & PIMENTEL, 2009, p.176).

Sabemos que o lúdico sob o viés prometeico e/ou sob o ponto de vista modernista é carregado de apreensões e significados, geralmente associado ao brincar, ao jogar ao se divertir. Na contramão dessa perspectiva, Pimentel & Pimentel (2009, p. 176-177), nos chama a seguinte atenção:

Lúdico, portanto, preso a brincadeira, jogo, diversão e recreação, silencia outros sentidos como a crítica e o pensamento para a crítica. Então a única liberdade possível para o lúdico fica sendo aquela da ausência do trabalho e a desobrigação momentânea de não cumprir obrigações. Instaura-se, assim, novamente, o funcionamento da dicotomia do lúdico como oposição à seriedade, ao comprometimento.

Para Maffesoli (1998, p. 121) a dimensão dionisíaca “emprega a analogia, a metáfora e outros procedimentos “acariciantes”, que não pretende reduzir o real,

indicar-lhe a direção certa, mas que se contenta em ressaltá-lo, epifanizá-lo”. Além disso, para o sociólogo,

o “como” é uma forma de submeter-se ao real, uma vez que mostra as coisas como estão em vez de extrapolar ou abstrair. (...) a compreensão não busca, em primeiro lugar, a causa e o efeito, não possui a quimera do “porquê”; através do “como”, limitando-se à apresentação das coisas, ela se empenha em depreender a significação interna dos fenômenos observados (MAFFESOLI, 1998, p.144).

Bruhns (2004) em sua obra *Explorando o lazer contemporâneo: entre a razão e a emoção*, apresenta algumas polêmicas na área dos estudos do lazer, principalmente no que se refere às concepções confusas entre o tempo livre e o lazer. A partir das ideias de Sebastian de Grazia¹⁴, ela argumenta

Na confusão entre a “ideia de lazer” com a de “tempo livre” ou na tentativa de igualá-los (o que corresponde à igualação de um conceito qualitativo a um conceito quantitativo), tendemos sempre a considerar o lazer como sendo oposto ao trabalho e assim sendo, como algo não produtivo que emperra ou debilita a produção (BRUHNS, 2004, p. 94).

Neste contexto, o lazer não deve ser compreendido a partir da racionalização do tempo, “mas sim como uma forma de ser, uma condição do homem, que poucos desejam e entre os que desejam, poucos alcançam, podemos aproximá-lo da noção de “vida tranquila”, esta não tendo uma implicação direta com a noção de vida com abundância” (BRUHNS, 2004, p. 95).

Na perspectiva de um olhar mais sensível, Bruhns (2004) privilegia em sua pesquisa a compreensão do lazer na expectativa de “um conhecimento mais aberto, incorporando o imaginário, o prazer dos sentidos, a emoção, o lúdico”. De acordo com a pesquisadora, é possível realizar uma relação entre a “teoria erótica” e o lazer sem a implicação de um tempo determinado (p.98).

Nesta mesma linha de pensamento, Pimentel (2010) em *Leituras pós-modernistas nos estudos do lazer*, diz

¹⁴ Estudo realizado sobre a vida norte-americana, publicada com o título: Tempo, trabalho e lazer.

Isso também significa ter uma postura de humildade frente à realidade e à produção do conhecimento. Aquele que deseja estudar os fenômenos socio-culturais terá mais ganhos se abandonar o olhar que classifica e generaliza e, inserido no universo estudado compreender e articular as verdades locais (p.160).

Bruhns (2004) se utilizando do estudo *Severinos, januárias e Raimundos: Notas de uma pesquisa sobre os migrantes na cidade de São Paulo*¹⁵, aproveitando as questões subterrâneas do cotidiano social, desenvolve através de uma história banal o sentido de lazer permeado por uma tranquilidade instituinte. Assim, segue a história

Severino José da Silva, analfabeto, um desses migrantes, chega em São Paulo e instala-se na Favela da Vila Prudente. Como gostava de forró, organizava com seu cunhado sanfoneiro, nos finais de semana, no fundo de sua casa, festas para dançar, encontrar os amigos, bater papão, enfim divertir-se. Muitos vizinhos queriam participar e o primo teve a ideia de cobrar ingresso. A ideia deu certo e o Forró do Severino foi crescendo. O espaço ficou pequeno, compraram o barraco ao lado, mais um, outro até que o salão passou a ocupar uma área de quase dez mil metros quadrados. Promovia grandes eventos e o público ultrapassou as fronteiras da favela. Começaram a ganhar muito dinheiro, mas ao mesmo tempo perdeu a tranquilidade e o sossego, num envolvimento com contabilidades, seguranças e organização. Após certo tempo, Severino vendeu sua parte no negócio e voltou à sua antiga ocupação, ou seja, vendedor ambulante, comercializando peixe na feira. No seu depoimento coloca: *O que eu queria era uma festa pra gente se sentir em casa, pra dançar e se divertir como era na nossa terra, depois que tudo mudou, eu mudei também. Do jeito que tinha de ser eu não queria mais* (BRUHNS, 2004, p.99).

Com base no relato é possível evidenciar que o desejo do nordestino era se divertir e encontrar os amigos e, que com a evolução do forro (negócio) isso foi se perdendo, pois o prazer, o afeto e as emoções transformaram-se em questões econômicas. Em outras palavras o nordestino *homo ludens* foi corrompido; perdeu sua tranquilidade e se tornou um nordestino *homo faber* preocupado com a lógica do trabalho. Posteriormente, vendeu sua parte no negócio, para novamente firmar o seu querer viver social.

Embora Bruhns (2004), não tenha evidenciado o aspecto orgiasmo da festa do forro de Severino, acreditamos ser importante para compreensão do fenômeno

¹⁵ RIGAMONTE (2002)

do lazer o olhar dionisíaco. Assim, “À imagem de Dionísio, deus de múltiplas faces, o orgasmo social é essencialmente plural” (MAFFESOLI, 1985, p. 15).

Orgiasmo vem de orgia, que segundo o sociólogo francês é “uma gama de sentimentos e de paixões. A um só tipo, a orgia remete à cólera e a resistência; à efervescência e à doçura: à agitação e a superação de sei mesmo” (p. 27). Além disso,

A *orgia* é em sentido estrito “*virtuosa*”: de uma só vez, ela realça e renova a força que consolida o coletivo. É ela ainda que permita, além do político e do social, de suas imposições bem como de seus controles, a perduração (fora de planificações e de toda forma de “dever ser”) desta forma vaga, mas dinâmica que chamo de socialidade de base (MAFFESOLI, 1985, p.72).

Para Maffesoli, a noção de orgia “não pode ser reduzida a atividade sexual ou, mais precisamente, esta última é apenas a expressão privilegiada do desejo coletivo” (p.80).

Refletindo sob a perspectiva do orgasmo, para além das práticas do poder instituído, as experiências coletivas lúdicas de lazer podem ser compreendidas como uma das modulações do orgasmo. Quais outros objetivos buscar no lúdico ou no lazer se não o prazer?

TERCEIRA PARTE

6. OS PERGAMINHOS OFICIAIS DOS CEJUS DE TOLEDO/PR

Escolhemos o pergaminho para metaforicamente representar as normativas (leis, deliberação, decretos, projetos, etc) que preconizam as instalações, organizações, manutenções e sentidos dos Centros da Juventude do município de Toledo/PR.

O termo pergaminho deriva do grego *pergaméne* e do latim *pergamina*, é o nome dado a uma pele de animal, na maioria das vezes de cabra, carneiro, cordeiro ou ovelha, preparada para nela se escrever. Era usado pelos gregos geralmente para escrever os decretos e as leis formuladas pelo senado grego. Portanto, aqueles pedaços de couro possuíam um grande poder em relação ao povo (FOGUEL, 2016).

Assim, foram selecionados inicialmente os seguintes pergaminhos: ***A deliberação nº 004/2009/CEDCA; o Projeto Centro da Juventude (reorganizado) e o Sumário Executivo do Programa Centros da Juventude*** e posteriormente sentimos a necessidade de incluir o **Regimento Interno dos Centros da Juventude de Toledo/PR** e a **Lei nº 2.210 – que dispõe sobre a reestruturação do Conselho Municipal da Juventude de Toledo – COMJUTO.**

O objetivo da análise desses pergaminhos é mostrar as noções em relação ao lazer, lúdico e juventude. Além disso, o levantamento das principais áreas do conhecimento contempladas; identificação dos objetivos educacionais do programa; identificação dos tempos e locais atribuídos para as atividades desenvolvidas e a identificação do perfil dos profissionais do Centro da Juventude.

6.1 ERA UMA VEZ OS JOVENS. QUE JOVENS?

Os pergaminhos oficiais, na maioria de seu escopo apresentam uma compreensão uniforme para o termo jovem ou juventude, segundo os escritos trata-se de um grupo social caracterizado por uma determinada faixa etária. Percebemos também, que todo o projeto dos CEJUS de Toledo, principalmente no que tange a noção de juventude são preconizadas por dois principais documentos: o Estatuto da

Criança e do Adolescente - ECA e a Lei nº 12.852 de 05 de agosto de 2013 - Estatuto da Juventude.

Assim, são considerados jovens os sujeitos com a faixa etária de 12 a 18 anos, definidos como adolescentes pelo Art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e a faixa etária de 15 a 29 anos, considerados jovens, conforme disposições do Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013).

Esta informação também pode ser confirmada na Lei nº 2.210 – Reestruturação do Conselho Municipal da Juventude de Toledo – COMJUTO, pois para “ser jovem é uma condição social, parametrizada por uma faixa-etária, que, no Brasil, congrega cidadãos e cidadãs com idade compreendida entre os 15 e os 29 anos” (TOLEDO, 2015, p.02).

O mesmo documento fomenta que a informação anterior é um padrão (com idade entre os 15 e 17 anos), os jovens-jovens (com idade entre os 18 e 24 anos) e os jovens-adultos (com idade entre 25 aos 29 anos) (TOLEDO, 2015).

Os dados mostram que as noções de jovem e/ou juventude emitidos pelo Estado possuem uma perspectiva positivista e igualitária, ou seja, o seu embasamento jurídico pode ser denominado como um “projeto prometeico” (Maffesoli, 2010b, p 33). Assim, a definição de juventude, estabelecidas sob o viés político e econômico (aspectos que fomentam as construções de leis parâmetros sociais) é generalizada a partir de uma determinada fase da vida, pré-estabelecida com as mesmas especificidades para todos.

6.2 ERA UMA VEZ O LAZER. QUE LAZER?

O termo lazer nos pergaminhos oficiais (Paraná) do Centro da Juventude é utilizado diretamente dez vezes. Com base em nossas leituras e reduções elucidamos duas principais compreensões: o lazer como um direito a ser garantido à juventude vulnerável, público alvo dos Centros da Juventude e como um rol de atividades socializadoras, as quais podem ser configuradas principalmente como: artísticas e esportivas.

Em relação ao entendimento do lazer enquanto direito, os documentos citam duas principais leis: o Estatuto da Criança e Adolescente - ECA e a Constituição Federal (BRASIL, 2002; 2015).

Na constituição de 1988, o lazer consta do Título II, Capítulo II, Artigo 6º, como um dos direitos sociais para todos. O artigo 227º assegura o lazer como direito à criança e ao adolescente, sendo dever da família, da sociedade e do estado assegurá-lo (BRASIL, 2002).

No Estatuto da Criança e Adolescente – ECA, art. 4º fomenta que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2015).

Outro aspecto que os pergaminhos abordam em relação ao lazer é a simples relação do lazer com experiências individuais vivenciadas, o que diminui o lazer a compreensões utilitaristas e parciais, limitadas aos conteúdos de determinadas atividades. Podemos ressaltar um enfoque prioritário aos conteúdos esportivos e artísticos.

6.3 ERA UMA VEZ O LÚDICO. ONDE ESTÁ O LÚDICO?

Na tentativa de elucidar a noção de lúdico nos pergaminhos oficiais dos Centros da Juventude do Estado do Paraná, realizamos várias leituras. Mas, não encontramos nenhuma menção ou comentário a respeito.

É fato que existe certa dificuldade de compreensão do lúdico nas diferentes áreas do conhecimento, as quais emitem diversas proposições, no entanto não é possível evidenciar nos documentos oficiais, se de fato foi uma dificuldade e/ou um ato de silenciá-lo.

Como um ato de silêncio, concordamos com a análise discursiva do lúdico realizada por Pimentel & Pimentel (2009), de acordo com esses autores,

além do “silêncio fundador”, aquele que existe nas palavras como condição para a produção de sentidos, o lúdico, tal como é definido nos dicionários não especializados, também faz advir o “silêncio local”, que se refere à censura, ou seja, aquilo que é proibido dizer em uma determinada época e lugar (PIMENTEL & PIMENTEL, 2009, p. 176).

Ainda neste prisma, não estamos afirmando que a não apresentação do lúdico no escopo dos documentos foi algo proposital, mas, nos instiga em curiosidade e questionamento, onde está o lúdico?

6.4 ERA UMA VEZ AS ATIVIDADES E OS ESPAÇOS. QUE ATIVIDADES? QUE ESPAÇOS?

De acordo com as informações dos documentos, os Centros de Juventude estão organizados, estruturalmente, para permitir o acesso e a permanência dos jovens, todos os dias da semana e finais de semana. Assim, organizamos um quadro demonstrativo, ressaltando a área e as principais atividades oferecidas.

Quadro 3 – Atividades do CEJU MARCIO ANTONIO BOMBARDELLI - JD. EUROPA

ÁREA	ATIVIDADES
Esporte	manobras de bike; karatê; kick boxing; judô; futsal; natação; badminton; vôlei; tênis de mesa; basquete.
Arte (música e dança)	violão; guitarra; teclado; contra baixo; teoria musical; canto; audição; bateria.
	hip hop;
Tecnologias	informática.

Quadro 4 – Atividades do CEJU MARIANA LUIZA VON BORSTEL - JD. COOPAGRO

ÁREA	TIVIDADES
Esporte	manobras de skate; kick boxing; muai thay; futsal; vôlei; tênis de mesa; basquete, handebol
Arte (música, dança e arte plástica)	Violão; guitarra; teclado; bateria.
	hip hop; Capoeira
	desenho

Em relação aos espaços, verificamos que o Centro da Juventude Antonio Bombardelli, localizado na grande Jardim Europa não possui a mesma organização estrutural que o CEJU Mariana Luiza Von Borstel localizado no Jardim Coopagro¹⁶.

O CEJU Antonio Bombardelli possui outra disposição arquitetônica, nós aprofundamos a pesquisa para descobrir os motivos dessa diferença. Assim, com

¹⁶ Estruturação e organização de acordo com a deliberação Deliberação 004/2009 - CEDCA/PR).

base nas observações, fontes de jornais e entrevistas com os profissionais daquele Centro, esclarecemos que o espaço foi projetado inicialmente para a instalação de outro projeto, chamado “Praça da Juventude¹⁷”.

De acordo com o site¹⁸ do Ministério do Esporte, o programa do Governo Federal Praça da Juventude é um projeto destinado a comunidades localizadas em espaços urbanos com pouco ou nenhuma promoção de políticas públicas de esporte, lazer e atividades socioeducativas diversificadas. No entanto, por questões orçamentárias e políticas o projeto não foi consolidado.

Posteriormente, conforme com o Jornal do Oeste de 27 de janeiro de 2012, elucidamos que o espaço construído foi utilizado como projeto piloto, sendo o primeiro Centro da Juventude a ser instalado no Estado.

Considerado uma das estruturas mais completas e modernas do Estado, o Centro da Juventude é o primeiro inaugurado no Paraná. Este espaço vai acolher nossos jovens garantindo oportunidades de uma boa formação através da participação nas atividades culturais, artísticas, esportivas e principalmente profissionalizantes (JORNAL DO OESTE, 27 DE JANEIRO DE 2012).

De acordo com o Regimento Interno do CEJU Antonio Bombardelli os espaços foram organizados em **área administrativa**: contendo 01 sala de coordenação, 01 sala de administração para as inscrições, 01 sala de atendimentos de psicologia, 01 sala de atendimento de serviço social, 01 sala para a secretaria municipal da Juventude (secretária, servidores e diretor administrativo), 01 copa, 01 refeitório. **Em área para atividades educativas**: 02 salas multiuso (aulas e cursos profissionalizantes), 01 sala de música, 01 sala de jogos, 01 laboratório de informática. **Em área para atividades esportivas**: (complexo esportivo) 01 quadra poliesportiva, 01 sala de dança, 01 sala de artes marciais, 01 piscina, banheiros e vestiários.

¹⁷ Conforme Indicação de projeto nº 558/2009 do vereador Ademar Dorfschmidt da Câmara Municipal de Toledo/PR.

¹⁸ Ver <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/secretaria-executiva/praca-da-juventude/projeto-padrao>

IMAGEM 4 – Visão da entrada do CEJU Antonio Bombardelli



Fonte: www.toledo.pr.gov.br/secretariadajuventude

IMAGEM 5 – Visão do Ginásio do CEJU Antonio Bombardelli



Fonte: www.toledo.pr.gov.br/secretariadajuventude

IMAGEM 6 – Visão do Ginásio e Piscina do CEJU Mariana Luiza Von Borstel



Fonte: www.toledo.pr.gov.br/secretariadajuventude

IMAGEM 7 – Visão da entrada do CEJU Mariana Luiza Von Borstel



Fonte: www.toledo.pr.gov.br/secretariadajuventude

6.5 ERA UMA VEZ OS OBJETIVOS EDUCACIONAIS. QUE OBJETIVOS?

Com base nos pergaminhos estudados, a base educacional da proposta educacional dos Centros da Juventude da cidade de Toledo/PR e demais Centros do Estado do Paraná, estão fundamentados na Pedagogia de Paulo Freire. Assim,

Optar pela pedagogia freireana como fundamento estruturante da organização pedagógica do centro da Juventude significa fazer uma escolha essencialmente política (PARANÁ, 2012, p.13).

Desse modo, os Centros da Juventude devem garantir nas intervenções, as seguintes dimensões:

Dimensão investigativa, uma vez que, os jovens devem ser envolvidos no desenvolvimento de várias enquetes ou atividade de pesquisa qualitativa ou quantitativa sobre sua realidade. **Dimensão da mobilização social e formação política** para a intervenção em políticas públicas locais e setoriais. **Dimensão da articulação**, com a intenção de intervir de forma articulada, para evitar o isolamento por parte de jovens do Centro de Juventude em relação aos jovens de outras instituições, escolas, igrejas, etc. **Dimensão multiplicadora da ação formativa**: as atividades e processos podem ser multiplicados em outros ambientes educativos com jovens e comunidades em geral (PARANÁ, 2012, p.14).

Desse modo, a proposta educacional do CEJU articulam-se (teoricamente) na pedagogia freireana, na qual os jovens relacionam suas experiências diárias com os conteúdos científicos, atribuindo sentido e significado as suas vivências.

6.6 ERA UMA VEZ OS PROFISSIONAIS DO CEJU! QUE PROFISSIONAIS?

O Projeto do Centro da Juventude destacam uma equipe multidisciplinar, que tem como responsabilidade o gerenciamento dos Centros da Juventude. O quadro de profissionais é constituído por: 01 coordenador (com formação em Pedagogia, Psicologia ou Serviço Social); 01 psicólogo; 01 assistente social; 01 assistente administrativo; 03 auxiliares na manutenção e limpeza; 04 vigilantes; 08 educadores (um por atividade específica) e 06 jovens bolsistas¹⁹ (com idade a partir de 14 anos), que sejam estudantes do Ensino Fundamental residente próximo (para não ter despesas com transportes) (PARANÁ, 2012).

Em outro instrumento administrativo, (Regimento Interno) dos CEJUS de Toledo/PR, nos trazem mais detalhes em relação aos recursos humanos do programa, embora não enfatizam a quantidade dos profissionais, ressaltam as equipes e suas atribuições. Para melhor compreender tal disposição, organizamos um quadro demonstrativo, pontuando a equipe, composição e funções dos profissionais existentes no programa.

Quadro 5 – Perfil/funções dos profissionais que compõem o CEJU

EQUIPE	COMPOSIÇÃO	FUNÇÃO
Coordenação	Coordenador	Submeter o Plano de Ação, o Plano Anual de Trabalho e o Regimento Interno do Centro da Juventude à aprovação da Secretaria Municipal da Juventude; Coordenar a execução das ações de forma a manter o diálogo e a participação dos profissionais e dos adolescentes e jovens no equipamento e pela rede prestadora de serviços no território; Definir, com a Equipe Técnica, os instrumentos de trabalho com adolescentes e jovens, buscando o fortalecimento teórico e metodológico do trabalho desenvolvido; Convocar e presidir reuniões periódicas

¹⁹ De acordo com o Regimento interno do CEJUS, os bolsistas são estagiários (estudantes secundaristas e/ou universitários) contratados pela Prefeitura Municipal de Toledo/PR.

		<p>com as equipes para discussão dos casos, avaliação das atividades desenvolvidas e dos encaminhamentos realizados;</p> <p>Promover e participar de reuniões com representantes de outras políticas públicas, visando articular a ação intersetorial no território;</p> <p>Instituir grupos de trabalho ou comissões encarregadas de estudar e propor alternativas de solução, para atender aos problemas de natureza pedagógica, administrativa e situações emergenciais;</p> <p>Propor a Secretaria Municipal da Juventude, após reunião com as equipes, a implantação de novas atividades ou de inovações de gestão administrativa;</p> <p>Manter o fluxo de informações entre o equipamento e os órgãos da administração municipal e estadual;</p> <p>Cumprir e fazer cumprir a legislação em vigor, comunicando as Equipes e aos órgãos da administração à respeito de reuniões, encontros, grupos de estudos e outros eventos;</p>
Equipe Técnica	Assistente Social e Psicólogo	<p>Acompanhar a efetivação do Plano de Ação, do Plano Anual de Trabalho e do Regimento Interno do Centro da Juventude Marcio Antônio Bombardelli;</p> <p>Organizar e desenvolver atividades psicossociais;</p> <p>Promover reuniões e grupos de estudo para reflexão e aprofundamento de temas relativos às atividades psicossociais e às atividades do equipamento;</p> <p>Realizar entrevista e acompanhamento psicossocial;</p> <p>Encaminhar quando necessário os adolescentes/ jovens e suas famílias à rede de atendimento social municipal;</p> <p>Discutir junto à coordenação acerca da organização das temáticas e das atividades desenvolvidas;</p> <p>Apresentar propostas, alternativas, sugestões que promovam o desenvolvimento e o aprimoramento do trabalho dos profissionais, conforme o Plano de Ação, o Plano Anual de Trabalho e o Regimento Interno do Centro da Juventude Marcio Antônio Bombardelli;</p> <p>Promover juntamente com a Equipe Técnica encontros com os pais ou responsáveis dos adolescentes e dos jovens, visando orientações de caráter geral ou troca de informações;</p>

		Promover eventualmente eventos esportivos e culturais.
Equipe Administrativa	Assistente em Administração	<p>Orientar e proceder a tramitação de processos, orçamentos, contratos e demais assuntos administrativos, consultando documentos em arquivos e fichários, levantando dados, efetuando cálculos e prestando informações, quando necessário;</p> <p>Elaborar relatórios de atividades com base em informações de arquivos, fichários e outros;</p> <p>Elaborar, redigir, revisar, encaminhar cartas, ofícios, circulares, memorandos, tabelas, gráficos, instruções, normas e entre outros;</p> <p>Receber, ordenar, protocolar e distribuir correspondências e encomendas, controlando a sua movimentação e encaminhamento ao setor destinado;</p> <p>Atender chamadas telefônicas, anotando ou enviando recados, para obter ou fornecer informações;</p> <p>Recepcionar pessoas que se dirijam ao setor, prestando-lhes todas as informações e serviços necessários;</p> <p>Operar sistemas administrativos e técnicos em microcomputador, tais como processadores de texto, planilhas eletrônicas e outros aplicativos de uso corrente;</p> <p>Operar máquina, impressora, transmitindo, recebendo, distribuindo e arquivando mensagens;</p> <p>Apresentar ao coordenador, em tempo hábil, todos os documentos que devem ser assinados; organizar e manter em dia o protocolo, o arquivo da instituição e o registro de assentamento dos adolescentes e dos jovens, de forma a permitir, em qualquer época a verificação da identidade e da regularidade da vida socioeducativa e da autenticidade dos documentos;</p> <p>Coordenar e supervisionar as atividades administrativas referentes à matrícula, decorrência e conclusão de atividades;</p> <p>Emitir e atualizar as Listas de Frequência mensalmente;</p> <p>Levantar o índice de frequência mensal dos adolescentes e dos jovens nas atividades e encaminhá-lo à Equipe Técnica;</p> <p>Zelar pelo uso adequado e conservação dos bens materiais distribuídos ao equipamento;</p> <p>Desempenhar outras atividades correlatas.</p>

Equipe de Manutenção	Profissionais de Serviços Gerais e Cozinheiro.	Efetuar a limpeza e manter em ordem as instalações do equipamento; Informar ao coordenador quanto a necessidade de reposição do estoque de materiais e produtos de limpeza; Preparar e servir o lanche, controlando-o quantitativamente; Conservar o local de preparação do lanche em boas condições de trabalho, procedendo a limpeza e arrumação; Efetuar tarefas correlatas a sua função.
Equipe de segurança e Monitoramento	Guardas Municipais	Inspecionar as dependências do equipamento, fazendo rondas no período diurno e noturno; Fiscalizar portões de entradas e saídas controlando pessoas e veículos; Orientar o público em geral, quando for necessário; Desempenhar outras atividades correlatas.
Equipe de estagiários	Estagiários bolsistas, curriculares e extracurriculares ²⁰ .	Assumir o estágio com responsabilidade, zelando pelo bom nome da instituição de estágio; Registrar sua frequência diariamente; Comunicar com antecedência, no caso de falta; Zelar e cumprir as tarefas que lhe são confiadas; Guardar sigilo profissional sobre o necessário; Cumprir integralmente o horário estabelecido, observando assiduidade e pontualidade.

Desse modo, foi possível confirmar um número reduzido de profissionais efetivos para atendimento da demanda. No entanto, existem parcerias entre a Secretaria Municipal da Juventude e outras secretarias da Prefeitura que colaboram e viabiliza a execução do programa. As principais parcerias (acordos administrativos) com a secretaria da Juventude (responsável pelos CEJUS) são: Secretaria Municipal de Esportes e Lazer, Secretaria Municipal da Cultura, Secretaria de Segurança e Trânsito, Secretaria de Assistência Social e Proteção à Família, as quais cedem (emprestam) recursos humanos para desenvolvimento das atividades.

Além disso, evidenciamos que alguns serviços oferecidos pelos Centros da Juventude são terceirizados, ou seja, alguns profissionais são contratados através

²⁰ Para a realização do estágio curricular e extracurricular está dar-se-á mediante o aceite do profissional da área requerida.

de licitações realizadas pelo próprio município e outros com recursos federais. Como é o caso dos serviços de limpeza e alguns cursos específicos, nos quais não possuem profissionais especializados e/ou não oferecidos pelas outras Secretarias Municipais.

7. NOÇÕES DO JOVEM SOBRE OS JOVENS

7.1 JOVENS! QUEM SOMOS?

Considerando os estudos já realizados nessa pesquisa, é importante retomar a atitude que não existe uma única realidade, mas, diferentes formas de compreendê-las. Dessa forma, com base nas observações e nas entrevistas, compartilhamos neste momento o apreciar juvenil dos Centros da Juventude de Toledo/PR.

Durante as entrevistas questionamos os jovens sobre o que eles compreendiam em ser jovem e seu entendimento em relação a juventude. Dentre as respostas, inicialmente escolhemos de uma jovem que participa das oficinas de música do CEJU, segundo ela:

(J-13) Tipo, como eu gosto muito de cantar e ler letras de músicas, essa pergunta me lembrou uma música bem massa do Legião Urbana, geração coca cola, na parte que diz assim ... hum hum hum Somos filhos da revolução, somos burgueses sem religião, somos o futuro da nação geração coca-colaaa. E acho que é isso, para mim é isso.. somos o futuro do país, gostamos de fazer um monte de contradição, a gente é do contra mesmo (risos), a gente não gosta de muitas regras, a gente quer fazer as coisas com mais liberdade, tipo isso.

Embora a jovem tenha mencionado somente um pequeno trecho da canção *Geração Coca-cola* do músico e compositor Renato Russo, membro da banda Legião Urbana, questionamos por quais motivos ela associou sua resposta com a letra da música. A jovem respondeu:

(J-13) Tipo, as letra do Legião mostra bem a realidade da juventude, mostra como os jovens são de verdade, tipo tem muita gente querendo mandar nos jovens, dizer o que tem que fazer.

Com base na resposta da jovem e fã da Legião Urbana, acreditamos ser pertinente a tentativa de elucidarmos algumas questões subterrâneas da letra em relação aos jovens. Assim,

Geração Coca-cola²¹

Quando nascemos fomos programados
A receber o que vocês nos empurraram
Com os enlatados dos USA, de 9 às 6

Desde pequenos nós comemos lixo
Comercial e industrial
Mas agora chegou nossa vez
Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês

Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Nós somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola

Depois de vinte anos na escola
Não é difícil aprender
Todas as manhas do seu jogo sujo
Não é assim que tem que ser?

Vamos fazer nosso dever de casa
E aí então vocês vão ver
Suas crianças derrubando reis
Fazer comédia no cinema com as suas leis

Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Nós somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola

Rochedo (2011) e Prado (2012) enfatizam em seus estudos que a música *Geração Coca-cola* retratou a juventude da época (anos 1980 e 1990), a qual foi marcada pela opressão do regime militar, pela grande influência do consumismo norte-americano e pelo aspecto revolucionário dos jovens resolverem as adversidades.

Na letra que a jovem utilizou e consecutivamente o seu estilo (camiseta preta da banda, anéis em quase todos os dedos, calça preta e os brincos) foi possível ilustrar um imaginário de juventude com uma postura anômica, sua fala grita a ambivalência entre a potência e o poder (*filhos da revolução/ Somos burgueses sem religião*).

Além disso, o poder instituído (dever-ser) que busca a homogeneização, controle e dominação (MAFFESOLI, 1987; 1981) presente na fala da roqueira “**tipo**

²¹ Composição de Renato Russo, canção presente no disco *Legião Urbana*. Rio de Janeiro: EMI-ODEON, 1985.

tem muita gente querendo mandar nos jovens, dizer o que tem que fazer (J-13)” foi encontrada também em respostas de outros jovens, que partilharam as suas noções de juventude. Dessa forma, a compreensão de juventude está relacionada ao aspecto do questionamento/resistência das diferentes relações sociais e culturais institucionalmente constituídas ao seu universo, as quais podemos citar: as leis, as regras/compromissos que os adultos possuem (pagar as contas, cuidar da casa, filhos) ou simplesmente qualquer regra imposta que configura no progresso ou no projeto da pessoa adulta.

Outro dado importante que aparece na fala da jovem é a figura mística da banda *Legião Urbana*, que para a roqueira são os seus heróis que por sua vez, promoviam/promovem os elos sociais juvenis de agrupamento pelo simples e complexo sentimento do estar-junto e gritar ao mundo **“Somos os filhos da revolução, Somos burgueses sem religião”** .

De acordo com o diário de bordo, ou seja, um dos relatos das observações observamos um episódio que nos chamou a atenção.

OBSERVAÇÃO 05: considerando a programação do mural, a ideia do dia de hoje é observar as atividades esportivas da quadra. Ao passar por uma janela de uma sala, observei um grupo de jovens, alguns instrumentos musicais (guitarra, bateria e contra baixo) em suas mãos, não sei bem o que eles faziam, talvez estivessem afinando ou buscando alguma sincronia, de repente começaram simplesmente aquele “fazer barulho” e outros jovens que estavam sem os instrumentos (creio que uns cinco jovens) simplesmente começaram a pular e se jogar um no outro. Isso tudo demorou uns três a quatro minutos. Pensei vou relatar isso, esse episódio tem que estar no texto.

Com base na observação, gostaríamos de chamar a atenção para aquele momento, para aquela apresentação com estilo ritualístico a nosso ver, uma celebração, um instante único e intenso de celebrar junto, o prazer que o “barulho” proporcionava.

(J-1) (risos) ser jovem... eu acho que é ter mais liberdade nas coisas, não muita responsabilidade, né... de pagar contas, cuidar de um filho, cuidar de uma casa, mais ser mais livre no mundo (risos), aprendendo o que é viver, desde sempre.

(J-2) Humm! Eu acho que é ser livre, enquanto não chega a fase adulta. (risos) (J-3) Rebeldia! Ah não sei...livre, sei lá... curtir a juventude por aí, sem regras, sem leis... hum curtir livremente.

(J-9) Ah um jovem que participa que muda uma sociedade.

(J-11) Ah! é o futuro do Brasil, se você não investir nele, ele ficará na rua, vai cometer delito, vai preso. Então o jovem é uma coisa que o Estado tem que investir muito, porque ele é o futuro do Brasil.

(J-14) Ah! Eu não sei explicar direito... tem vários tipos, aqueles que curte só estudar, que curte fazer nada, sabe! Ficar de boa sem regra, ter liberdade de fazer qualquer coisa que vem na cabeça. Entendeu?

(J-15) Então... jovem é vida loca! É aquela pessoa que não tem regras que os adultos tem e que nem gosta das regras deles.

Outro achado encontrado foi a *liberdade*, a nosso ver um desejo de independência frente aos aparelhos formais da sociedade.

(J-4) Ah... sei lá... Sair com os amigos, curtir (risos) a vida... É isso. Tem jovens que saem pelo mundo, tem jovens de família.

(J-5) Bom... é aquela vontade que você tem de fazer muitas coisas. Quando você é jovem você quer conhecer o mundo, quer seguir seus sonhos, tem várias coisas que você quer fazer na vida, suas prioridades, metas para atingir, Então... isso é ser jovem.

(J-6) É o jeito de ser né... algo mais espontâneo assim né... Feito assim sem muito pensar, isso vem de características de jovens, eu acho que é mais ou menos assim.

(J-7) Espontaneidade, porque o jovem não pensa muito no que vai vir, sempre está querendo coisas novas, tipo uma aula que seja diferente, e sempre está procurando conhecer as coisas.

(J-8) Liberdade, diversão... essas coisas assim... começo da vida.

Foi possível encontrar em algumas conversas e a partir das observações realizadas, nas quais percebemos um grande número de jovens utilizando seus celulares e compartilhando as trivialidades do dia-a-dia juvenil (vídeos, fotos e memes)²², o imaginário do *jovem digital*, ou seja, aquelas pessoas inseridas no universo da tecnologia, especificamente a internet. Embora houvesse um grande

²² De acordo com “J-10” *memes* é uma coisa da muito fera da internet, que faz muito sucesso, são fotos ou desenhos de pessoas, tipo fazendo uma piada.

número de pessoas que usufruíam do sinal wi-fi, conseguimos entrevistar dois jovens desse universo.

(J-10) Jovem assim... a primeira coisa que vem na minha cabeça é internet.

(J-12) Pra mim... jovem é aquele que está conectado, que gosta de coisa novas, tecnológicas, que não gosta de ficar preso as coisa.

O sistema global de rede de computadores interligados, ou na linguagem menos careta e mais jovem, a *net*, possibilitam o estar-junto social, ou seja, mesmo virtualmente o jovem consegue realizar suas identificações e possuir vínculos emocionais nos diferentes grupos virtuais existentes. Uma alternativa extra de convivência, pois os jovens estavam em contato, em união em comunhão e também virtualmente conectados.

7.2 AS GALERAS DO CEJU

Perguntamos aos jovens quais as principais atividades que eles participavam no Centro da Juventude, os porquês das escolhas e a frequência de participação. Com base nas respostas estruturamos algumas categorias, que foram organizadas de acordo com as características e/ou natureza das atividades.

Assim, estabelecemos cinco categorias principais, que chamaremos de galeras, são elas: galera da música, galera da dança, a galera da digital, a galera dos CDFs e a galera do esporte.

A ideia não é rotular os jovens por atividades, mas a partir de suas escolhas, perceber seus universos subterrâneos.

7.2.1 Galera da música

A galera da música são aqueles jovens que preferem participar de oficinas relacionadas à área musical, aprendizagem de instrumentos (violão e teclado) e o canto.

(J-1) *Eu vou lá mesmo, para ajudar... ensinar... o povo de lá com violão, o povo é muito tranquilo, sempre muito atencioso. Eu começaria a ensinar a teclado, mas... não deu certo, aí só fiquei no violão mesmo. Tipo assim, primeiro eu entrei lá para aprender né, entrei lá e fiz um curso de teclado, aí conheci o Geane lá, e ele pediu para que eu ajudasse ele a ensinar lá...conheci a galera... daí, fiz uns cursos de jogos.*

(J-2) *Violão e técnica vocal e natação. Aperfeiçoar minha técnica, ajudar quem está iniciando. Eu consigo ir pelo menos a maioria dos dias, quando não tem a vocal eu vou na piscina, e quando não tem nada eu vou lá ficar de boa. Eu fiz natação porque eu fazia desde pequena, daí eu parei e queria continuar, daí tinha... aí eu fazia no centro olímpico mas aí era muito longe, aí no centro era perto, daí fiz lá. Aí violão eu sempre quis aprender a tocar.. tocar violão, aí eu já conhecia o.. Geane que era meu professor, daí... eu fiz técnica vocal também com o Elisandre. Ai eu gostava de música... Gosto muito.*

(J-13) *Violão, teclado, vocal tudo que envolve música. Eu amo música e no CEJU não precisa pagar é grátis, se tivesse que pagar eu não tinha como fazer. Eu vou quando tem algo da música, ensaio ou apresentação. O professor é muito fera, ele ensina os acordes que eu curto. Tem vez que a gente ensaia com uma galera e faz apresentações para outros grupos, na praça e uns eventos que teve no ano passado.*

Com base nas respostas é possível enfatizar que a galera da música além de participar de um processo de aprendizagem, é oportunizada a eles a condição de compartilhar seus conhecimentos com os demais do grupo, (***Eu vou lá mesmo, para ajudar, ensinar ajudar o povo de lá é muito tranquilo... ajudar quem está iniciando***). Desse modo, chamamos a atenção para a preocupação com os membros do grupo, eles não vão somente para buscar conhecimento e aprender conteúdos novos, mas trocar experiências.

Em relação a frequência foi possível compreender a partir das respostas que embora o CEJU tenha um cronograma de atividades específicas, eles comparecem da mesma forma em outros dias e horários. Através das observações, foi possível identificar outras formas de interação e participação, ou seja, percebemos que em um determinado dia da semana não havia oficina de violão, no entanto o **J-1** estava na mesa de *pin-pong* e quando eu cheguei ele foi logo apresentando ao grupo e perguntando se eu queria jogar com eles. Eu aceitei jogar algumas partidas, e nesse momento percebi que aquele grupo não era o grupo do violão muito menos do

basquete, havia uma mesa de tênis de mesa instalada na qual o grupo simplesmente jogavam.

7.2.2 Galera da dança

A galera da dança são aqueles jovens que selecionam as oficinas relacionadas à área da dança. A partir das conversas e observações foi possível verificar o hip hop (dança urbana) como principal estilo de dança.

(J-3) Natação, dança... Deixa eu lembrar o que eu fazia... Era isso... A dança é porque eu gosto de dançar, e porque eu me identifico com isso. E na natação porque é... é uma atividade física que me faz bem.

(J-6) Eu frequento aqui porque têm aulas de hip hop, que eu gosto bastante, e também tem o Mateus, eu acho ele muito massa e meus amigos também. Então, o hip-hop é o principal motivo.

Não diferente da galera da música, os jovens que participam dessa atividade também usufruem das outras propostas.

7.2.3 Galera digital

A galera digital são aqueles jovens que preferem participar principalmente das atividades relacionadas ao laboratório de informática. Assim, foram evidenciadas as seguintes atividades: curso de informática básica, curso profissionalizante, jogos em rede e redes sociais.

(J-12) Em casa não tem internet e aqui no CEJU tem wifi e o laboratório. Dai a gente se reúne e fica jogando entre nós e tem vez que a gente forma uma equipe e joga com gente de outro lugar. Têm vez que o jogo é meio violento, dai os instrutor manda sair.

(J-15) Os jogos dos pcs e os cursos de informática. Lá também a gente entra no faceboock e fica conversando com o povo, vendo as fotos.

Identificamos essa galera em específico, (conforme enfatizamos no início do capítulo) mas é consenso que diante da era tecnológica que vivemos todos ou

grande maioria dos jovens podem estar inseridas nesta galera. No entanto, organizamos a partir da atividade os quais os jovens participam preferencialmente.

Além disso, outro fator importante encontrado a partir dessa galera é a utilização das redes sociais. Tanto por parte dos jovens como dos gestores que utilizam desse mecanismo para criar vínculo e comunicação com os que frequentam os Centros da Juventude. São justamente as publicações de *memes* que chamou a nossa atenção, essa linguagem é utilizada para transmitir avisos, advertir e divulgar questões relacionadas aos combinados dos CEJUS. A seguir criamos uma montagem de imagens de alguns *memes* para ser compartilhado.

IMAGEM 8 – Memes da rede social da Secretaria Municipal da Juventude



Fonte: www.facebook.com/SecretariaJuventudeToledo

7.2.4 Galera do esporte

A galera do esporte são aqueles jovens que participam principalmente das propostas relacionadas à área esportiva. Com base nas falas e observações realizadas é a galera que possui o maior número de jovens. Assim, conseguimos identificar as seguintes modalidades: natação, futsal, basquete, vôlei, skate, tênis de mesa (ping-pong) e lutas (judô e muay thai).

(J-3) Natação, dança... Deixa eu lembrar o que eu fazia... Era isso...ah! fazia também futsal e vôlei.

(J-4) Bom... participei do vôlei e do cursinho pré vestibular. Bom... O meu motivo era estudo, porque tinha um cursinho, mas também tinha uns projetos que são bem interessantes.

(J-5) Só ia para o skate... Skate é o esporte que eu pratico, já faz uns quatro anos. Meus amigos me falaram que tinha aula de skate e eu conhecia o professor, daí fui lá. Tinha outras atividades de esporte, música e dança, mas, eu ia participar só no skate. A gente teve aulas aqui no CEJU, mas a turma pratica na pista lá perto do Centro de Eventos.

J-7) Tênis de mesa, futsal, vôlei... essas coisas assim. Porque eu faço atividades físicas, entendeu?

(J-8) Muay thai e vôlei, essas são as principais.

(J-9) Natação, basquete, vôlei, ping-pongue, tênis de mesa e informática. Porque foi aquelas que eu mais gostei, mais me interessei.

(J-10) No momento só natação. Porque eu gosto de nadar.

(J-11) Eu fazia artes marciais, e uma vez fiz de instrumentos e teclado. porque artes marciais eu me identifico bastante com ela, gosto bastante é um hobby né, e também porque você treina o seu cérebro. E de instrumentos é porque eu tinha um teclado lá e eu queria aprender a tocar ele, basicamente, mas não fiquei muito.

(J-14) Eu gosto dos esportes, gosto de todos eles, futsal, natação vôlei. Onde a galera tá eu to com eles entendeu?..

Acreditamos ser importante o esclarecimento que nos seios dessa galera do esporte (principalmente), existem outras galeras, ou “subgaleras”, que aqui preferimos chama-las de “galerinhas”. Assim, temos a galerinhas do vôlei, do futsal, das lutas, do basquete e a galerinha do skate.

A galera do skate (em especial) nos chamou a atenção, pois diferente das demais, possuíam uma vestimenta, linguagem e um sentimento radical peculiar. Fomos convidados pelo “**J-5**” para fazer uma visita na pista de skate da cidade, segundo ele, é o espaço onde a turma pratica as manobras. Desse modo, a partir do convite fomos pesquisar sobre este esporte aqui em Toledo, e descobrimos que a cidade sediou neste ano (2017) a 3ª edição do “*Street Skate Toledo*”. O evento foi

organizado pela Central Única das Favelas (CUFA), Skate Clube e Esportes Radicais de Toledo e Secretaria de Esporte e Lazer, ocorreu justamente na pista que o jovem pontuou (Pista de Skate do Jardim Porto Alegre).

No ano de 2016 o CEJU do Jardim Coopagro sediou o 2º Campeonato Regional de Skate. A seguir temos a imagem de divulgação do evento.

IMAGEM 9 – Divulgação do 2º campeonato regional de Skate



Fonte: www.facebook.com/SecretariaJuventudeToledo

Novamente, enfatizamos a vestimenta, linguagem e o sentimento radical dos jovens. A vestimenta é caracterizada pelo boné, as camisas costumam cumpridas, bem maiores que o normal geralmente com uma estampa, as calças ou os shorts também são largos, os caçados são daqueles de tecidos, modelo baixo. Em relação a linguagem, percebemos que em grupo eles possuem seus dialetos e suas gírias específicas, ou seja, a galerinha do skate tem seu próprio código de comunicação. O sentimento radical em fazer arte com a prancha de rodinhas é outra propriedade desse grupo, percebemos a emoção em todos os instantes, não havia o medo de cair ou se machucar.

Todo esse jogo de aparência e a forma tanto da linguagem dos corpos e dos códigos, dessa galerinha nos lembra do aspecto da teatralidade, que segundo Maffesoli (2014, p. 139) “instaura e reafirma a comunidade. O culto do corpo, os jogos de aparência só valem porque se inscrevem em uma cena ampla na qual cada um é, ao mesmo tempo, ator e espectador”.

7.2.5 Galera dos “CDF”

A partir da resposta do “J-4” *participei (...) e do cursinho pré-vestibular*, percebemos **outra** galera do CEJU. Assim, através da parceria entre Prefeitura Municipal de Toledo, Secretaria Municipal da Juventude e Núcleo Regional da Educação, foi ofertada no Centro da Juventude do Jardim Europa 200 vagas gratuitas para o curso pré-vestibular com idade a partir de 15 anos até 29 anos. Em relação às vagas, 165 foram destinadas aos jovens que estão frequentando regularmente o último ano do ensino médio na rede pública e 35 vagas aos que já concluíram. O curso teve duração de 232 horas, sendo realizado aos sábados pela manhã e tarde.

Perguntamos ao “J-4” se mais alguém do cursinho também participava das outras atividades do CEJU, o mesmo argumentou que:

“J-4” Acho que só eu participei do vôlei, essa turma ia mais para estudar.

Desse modo, acreditamos que os jovens dessa galera participavam do CEJU devido o curso ser oferecido naquele espaço. No entanto, a partir de uma observação realizada, verificamos que embora os jovens não participassem da programação de atividades, havia os momentos de encontros, rodas de bate papo e as paqueras.

7.3 PARTICIPAMOS PORQUE É MASSA!

Perguntamos aos jovens por quais motivos eles frequentavam o Centro da Juventude. Assim, percebemos que além da participação das atividades oferecidas enquanto atividade esportiva, formação profissional ou formação pessoal, **o outro** também foi/é motivo fundamental das assíduas frequências.

(J-7) Ter bastante amigos, se divertir na quadra de futebol, na piscina... Lazer, essas coisas para se divertir, mexer na informática. Conhecer novos amigos também né, é isso.

(J-9) Encontrar os amigos, mas também por causa dos cursos. Cursos que eu faço aqui, que meus pais não poderiam bancar.

(J-14) Meus amigos vão lá praticar esportes e eu vou lá com eles, local bom para não ficar na rua sem fazer nada, tipo isso.

(J-8) Para distrair um pouco. Porque em casa nem sempre é bom ficar o dia inteiro né. Mas se eu ficar no Centro da Juventude, eu me distraio, me divirto bastante, novas experiências também, novos amigos, a gente vai lá conversa conhece outras pessoas.

(J-10) Ah sei lá... porque sim. Me sinto a vontade... aqui tem piscina e eu gosto muito de nadar, tem a turma lá que também gosta de nadar.

Perguntamos também, sobre o que eles sentiriam caso por algum impedimento não pudessem participar ou frequentar o CEJU.

(J-1) Acho que é do pessoal, fiz bastante amizade com o pessoal lá, dos coordenadores lá, e dos seguranças que ficavam junto a noite... bem legais.

(J-2) ah acho que é estar com os amigos, porque tipo também era um ponto de encontro, que a gente ia lá para ficar conversando, tipo eu fazia natação as 3h e daí eu ficava conversando até eu ir embora.

(J-4) Ah eu sinto falta do povinho que vai lá... Ah eles são meus amigos, são gente boa. A maioria meninos

(J-6) Dos amigos... de estar brincando, conversando...Eu sinto mais falta dos cursos, sinto falta de estar aprendendo alguma coisa nova.

(J-7) Dos amigos...Quando eu não vou, penso "ixi" perdi uma, faz uma falta.

(J-10) ah! Eu sinto falta da interação que tem né, dos amigos que vem aqui né, porque quem vem aqui são tudo conhecidos né. Eu sinto mais falta da interação com as pessoas que nós temos aqui.

(J-11) Sinto falta da galerinha, a gente sempre combina de se encontrar lá, vamos antes do horário para ficar conversando um pouco.

(J-12) do pessoal, dos amigos dos professores, instrutores, gosto da companhia deles.

(J-13) sinto saudade do professor, de cantar do grupo, tipo da nossa bandinha (risos)

(J-14) as amizades que eu fiz, que eu tenho lá, das atividades, das conversas.

(J-15) sinto falta de todo mundo lá.

E novamente a maioria dos jovens respondeu em síntese o outro. Portanto, podemos enaltecer que os Centros da Juventude possibilitam aos jovens a proximidade, ligação, comunhão com o outro, ou seja, um sentimento de ser-estar junto juvenil no CEJU (MAFFESOLI, 2014).

7.4 DUPLO ASPECTO EDUCATIVO DO CEJU

Analisando os Centros da Juventude de Toledo/PR como espaços de lazer e considerando o duplo aspecto educativo do lazer, ou seja, lazer como objeto e veículo de Educação, a entrevista possibilitou o questionamento em relação aos conhecimentos ensinados e estudados nos CEJUS.

Desse modo, com base nas respostas dos estudantes podemos afirmar que os Centros da Juventude de Toledo/PR também favorecem o duplo aspecto. O CEJU enquanto objeto de Educação promove conhecimentos, experiências e oportunidades para que os jovens pudessem usufruir de outras atividades de lazer na cidade.

(J-1) Entrei lá, e diz que tinha uns... que estavam querendo fazer alguns projetos, que ele conseguiu arrumar o caranguejo music e virada cultural e tal, aí eu comecei a me inscrever nesses projetinhos aí...no teatro também, sempre que tinha um showzinho lá, eu inscrevia. Conheci mais eventos espalhados por aí...

(J-4) Sim eu até comecei a treinar vôlei. No ginásio Alcides Pan

(J-5) Ah eu saio andar pela cidade..ah!... teve um campeonato, mas eu não me lembro quando foi... acho que na pista de skate, dai eu fui lá, fora isso só no Centro mesmo.

(J-12) No Céu das artes também tem laboratório de informática e conheci outros pontos de internet grátis na cidade.

(J-14) Já fui no Centro Olímpico participar de campeonato, conhecer lá. Mas, prefiro ficar no Centro da Juventude aqui do bairro, meus amigos ficam de boa aqui.

Além disso, nesta pesquisa identificamos vários programas, espaços/propostas de lazer para os jovens, tais como: os eventos músicas da cidade (caranguejo music e a virada cultural), programas esportivos do ginásio de esporte Alcides Pan, o CEU das Artes²³ (atividades artísticas, esportivas e culturais), Centro Olímpico (espaço para atividades esportivas).

Em relação ao CEJU como veículo de Educação, verificamos que suas propostas e espaços promovem através da vivência das atividades de lazer o desenvolvimento pessoal e social.

Assim, pontuaremos as respostas que mostram os processos de aprendizagem e aperfeiçoamento de conhecimentos e habilidades pelo lazer.

(J-1) Aprendi... aprendi a jogar basquete. Eu acho que foi a única coisa que eu aprendi... bastante lá. O teclado eu já manjava, só aprendi mais os acordes, por que a leitura da música e da música eu já sabia.

(J-3) é... cumprir regras (risos) coisas relacionado as regras dos esporte, dança essas coisas.

(J-4) Bom... eu aprendi os fundamentos, aprendi a participar em equipe, e também no cursinho eu aprendi os conteúdos que eram ensinados, tipo Matemática, Português, Biologia, Química, Física e Redação.

(J-5) Tipo, os conhecimento do skate, hum... mais só isso

(J-6) Na Escola Ajudou... porque as vezes eu trazia lição de Escola para fazer, ai eu trazia aqui. de vez em quando tinha, que era o Rodrigo o psicólogo, quando ele ão estava fazendo nada, estava de boa, ele me ajudava. Em casa acho que não.

(J-7) Aprendi bastante coisa do futsal, do vôleis, essas coisas.

(J-9) Ah ajudou. Na comunicação, me ajudou a falar mais com as pessoas. Conversar mais... ler sobre política ver o que está rolando. Em casa eu não sou muito aberto...

(J-12) Aprendi bastante coisas no curso de informática básica, mexer nos programas, escrever texto, enviar email, rede social.

²³ Projeto do Governo Federal através do Ministério da Cultura, que tem por objetivo integrar em um mesmo espaço físico, ações sócio-educativas promovendo a cidadania de crianças e jovens através de oficinas, programas e ações culturais, práticas esportivas e de lazer, formação e qualificação para o mercado de trabalho, serviços sócio-assistenciais, políticas de prevenção à violência e inclusão digital.

(J-13) Aprendi algumas notas musicais, tocar instrumentos diferentes, acordes, preparar apresentação musical, como participar de banda, essas coisas de música sabe.

(J-14) Nas aulas de Educação Física me ajudava um pouco. Em casa, pouco.

Devido a maioria optar pela área esportiva, os conhecimentos relacionados a disciplina da Educação Física são mais difundidas, seguida da áreas de Artísticas.

As capacitações profissionalizantes e oficinas de aperfeiçoamento profissional também foram evidenciadas. Como podemos confirmar na imagem de divulgação da Secretaria Municipal da Juventude.

IMAGEM 10 – Divulgação das Oficinas do CEJU do Jardim Europa



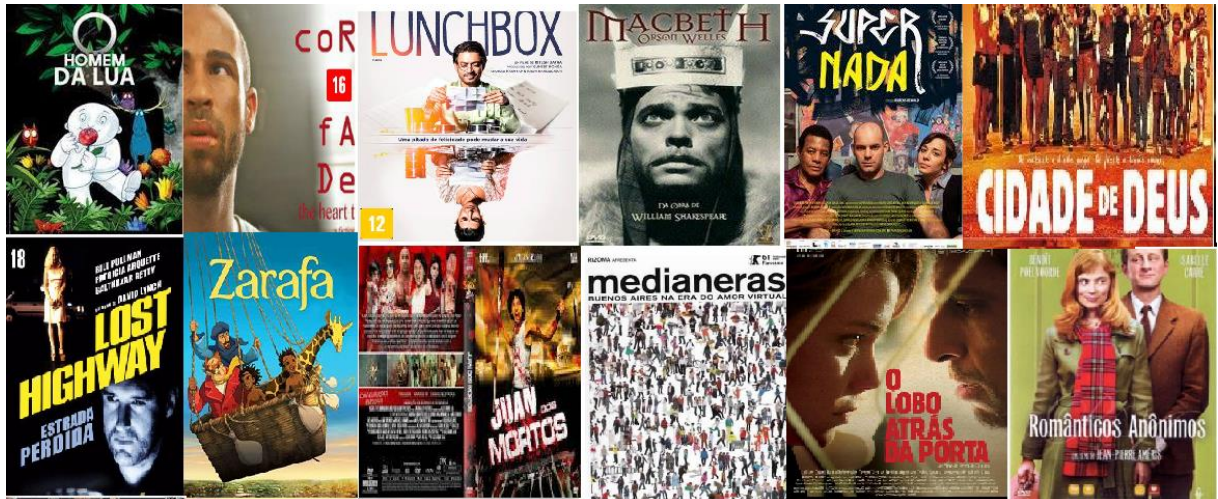
Fonte: www.toledo.pr.gov.br/secretariadajuventude

São oferecidas também oficinas (rodas de conversas) relacionadas aos temas: saúde e qualidade de vida (cuidados com a dengue, saúde bucal, atividade física e obesidade) dentre outros.

Com base nas observações realizadas, evidenciamos também as bibliotecas dos CEJUS, que são espaços para aquisição de conhecimento e informação. O acervo bibliográfico é destinado principalmente para a clientela juvenil.

O Cine Estação (sala cinema) é outra opção que os jovens possuem para apreciar e aprender sobre a cultura cinematográfica. A seguir criamos uma imagem (montagem) ressaltando algumas as opções de filmes oferecidas aos jovens. Com base nas divulgações é possível compreender que os organizadores oferecem uma classificação variada de filmes.

IMAGEM 11 – Opções de filmes oferecidos no Cine Estação.



Fonte: www.toledo.pr.gov.br/secretariadajuventudeToledo

7.5 OS JOVENS SABEM O QUE QUEREM!

Perguntamos aos jovens se eles de alguma forma colaboram ou participam dos planejamentos das atividades e eventos desenvolvidos nos Centros da Juventude. E a resposta foi unânime, todos os jovens que participaram da pesquisa, se envolveram de alguma forma no planejamento das propostas oferecidas. Assim, é possível enfatizar que a proposta escrita nos pergaminhos oficiais do CEJU é de fato realizada, ou seja, gestão democrática e descentralizada.

(J-1) Eles chamam todo mundo que vai tocar né, perguntam quem quer tocar e tal. É...assim, todo mundo organiza.

(J-2) No grupo da música, eles sempre perguntava o que nós queria ouvir, dai fazia por votação, mas a galera toda curtia os gostos de todo mundo, rock, MPB, tinha vez de até sertanejo (risos)

(J-3) Eles sempre perguntam para nos. As vezes tinham uns papelzinho para fazer votação, os professores sempre perguntava o que nós gostava mais.

(J-4) Quando eu chegava lá já tava tudo pronto, esquematizado, gosto de participar, as vezes eu escrevo naqueles papelzinho que os coordenadores distribuem.

(J-5) gente chegava lá e andava ai no final tinha alongamento e tudo... Ai sempre tinha alguma coisa...perguntava se estava gostando como queria que fosse, dai a gente falava.

(J-6) Sempre tem essa de sugerir. O pessoal um pouco antes de colocar os cursos, eles sempre pedem e mandam um papelzinho, perguntando se você gostou do curso, ai tem as opções de ruim, bom e ótimo... e a gente vai respondendo as perguntas..

(J-7) Nem sei, quando eu venho treinar futsal, está tudo pronto já. Mas, a gente sempre dá umas dicas.

(J-8) Ele ouvia a gente, sempre perguntava “o que vocês queriam que tivessem aqui dentro”. E também teve um negócio lá no CEJU de votação de professores, alguma coisa assim.

(J-9) Aqui no CEJU? Sim, eles perguntam se nós temos uma ideia... eles perguntam como pode ser o espaço recreativo, de lazer...Eles chamam para conversar em reunião aberta. Acho que é isso né?

(J-10) ah eles pediam ideias, do que achava, o que era melhor...

(J-11) Sim, na maioria das vezes eles perguntam: “Olha nos vamos fazer aquela atividade, gostaríamos que vocês participassem e interagissem, para que o CEJU fique sempre movimentado” daí eles aderem a ideia ao projeto.

(J-12) Os professores e o psicólogo sempre perguntam pra gente, tem vez que tem votação, tem vez que tem que colocar se gostou se não gostou, se quer repetir.

(J-13) Eles sempre perguntam para os grupos se estamos gostando, pedem sugestões, eles escutam nossas ideias... bem legal mesmo.

(J-14) Tem os papelzinho para escrever.

(J-15) sempre conversam do que a gente gosta mais que quer que tenha de novo.

Além disso, as respostas confirmam a preocupação dos gestores em ouvir os anseios da juventude (que movimentam os CEJUS). Além das rodas de conversas e reuniões abertas são distribuídos “papeizinhos” aos frequentadores. Estes podem

assinalar e escrever seus apontamentos quando por algum motivo não querem falar em público ou por vergonha de expor suas ideias.

7.6 LAZER PARA MIM É!

Indagamos aos jovens o que seria lazer para eles, e grande parte dos depoimentos enfatiza o lazer como referência de pertencimento. Assim, ao contrário dos sentidos enunciados pelos pergaminhos oficiais dos CEJUS, os quais enfatizam principalmente as preocupações políticas e econômicas, as reflexões que são possíveis de fazer com base nas respostas dos jovens são as características do tribalismo, hedonismo e presenteísmo (MAFFESOLI, 1996). Dessa forma, lazer para os jovens é

(J-3) Estar junto com alguém que eu goste.

(J-5) Lazer? É um momento de tentar se relaxar do mundo, de ficar em paz assim, em casa... sair com os amigos, vir aqui no CEJU, tipo, essas coisas.

(J-6) Lazer para mim é... andar de skate, conversar com os amigos, ficar de boa... Sem ter problema de nada nem um probleminha.

(J-8) Conhecer pessoas novas, interagir com elas.

(J-10) Ah um lugar bom para você ficar com os amigos, se divertir.

(J-12) lazer é aonde rola amizade, um clima bom, aonde a gente aproveita bem o tempo todo... então a amizade é fundamental...

(J-14) Acho que lazer são as atividades que eu faço e que eu gosto mais... principalmente quando estou com os meus amigos, tem os amigos do esporte, tem os do skate e tem os amigos que a gente aprende violão, lazer é quando tô com eles, tipo assim entendeu?

(J-15) Meu lazer é conseguir vir aqui no CEJU, aqui eu posso fazer as coisas que eu gosto mais, ver meus amigos, conhecer pessoas, que mais? Ah! Aqui tem wifi grátis (risos) e tem os professores que são tudo gente boa.

O lazer para estes jovens é o desejo e a conquista de estabelecer laços com o outro, baseados na partilha emocional e conexões com o local. Assim, é possível mostrar que as formas que os jovens vivenciam os Centros da Juventude

compreendem em um estar-junto com os amigos, o qual é permitido descobrir e ser descoberto, dar e receber tocar e ser tocado.

Além disso, os jovens também realizaram outros apontamentos, tais como:

(J-1)É.. eu acho que lazer é o meu trabalhando com música mesmo, ter banda, ensinando e aprendendo, sei lá... aprendendo sempre, ensinando, se divertindo com a música.

..(J-2) Acho que um momento de satisfação e de descanso.

(J-4) É fazer o que você mais gosta em uma determinada hora. Aquilo que te faz bem...

(J-7) Tipo...como eu posso explicar... lugar aonde a gente se diverte, entendeu? Tipo na quadra de futebol, no CEJU, na comunidade.

(J-9) Lazer? É um espaço onde o jovem pode fazer recreação, um espaço próprio para eles.

(J-11) Lazer é diversão, não é aquilo que você não paga para fazer, é o seu hobbie, lazer é aquilo que você faz nos tempos vagos.

(J-13) lazer é quando eu ouço música porque todo dia eu ouço música, eu venho no CEJU para aprender e ouvir música, o professor de música ensina rock e eu curto rock e é isso.

Assim, as respostas dos jovens deu visibilidade a outros sentidos de lazer, sobretudo na materialização de experiências e realizações pessoais, a busca do gozo pela diversão, otimização do tempo ocioso e o descanso.

7.7 LÚDICO PARA MIM É...

Perguntamos aos jovens o que seria lúdico para eles, no momento da construção das respostas sentimos as mesmas dificuldades que as principais áreas do conhecimento possuem ao emitir um significado para o tema.

Desse modo, a maioria dos jovens não soube apontar algum parecer a respeito da pergunta. Um dos jovens até fez uma tentativa **“Vixe! Eu acho que até sei o que é, mas eu não consigo te explicar com palavras, deixa quieto (risos). (J-5)”**.

Quatro jovens expressaram algumas noções, e a partir delas foi possível emitir alguns apontamentos. Para eles, lúdico seria:

(J-2) Brincadeira, brincar, diversão.... só.

(J-6) Vixe! Acho que é algo legal divertido.

(J-7) Hum, alguma coisa bem alegre tipo isso.

(J-13) Fazer algo divertido, prazeroso.

Analisando as discussões sobre a vivência lúdica desses jovens, prolongamos um pouco a conversa sobre o assunto e observamos que duas foram embasadas a partir de vivências no âmbito escolar.

De acordo com ***(J-2) “na minha escola, tenho uma professora muito legal, um dia ela falou sobre isso, acho que porque ela usa muitas coisas diferentes, jogos, brincadeira, deixa a bem divertida”.***

Para a ***(J-13) “Em uma aula de matemática, o professor chegou com um monte de material, era umas embalagem de produtos, parecia monte de lixo (risos) e disse que a aula ia ser lúdica... tipo foi muita massa, não é igual aqueles profes que fica só nos livros e no quadro”.***

Esses dois relatos, coloca em evidência que embora os professores tenham usado (racionalizado) o lúdico como um encaminhamento metodológico para ensinar algum conteúdo sistematizado, para os jovens a grande ênfase foi a questão do prazer e o divertido.

8. OS ADULTOS DO CEJU E SUAS NOÇÕES

Além dos jovens nós também realizamos algumas observações e entrevistas com alguns profissionais responsáveis pela organização e execução das propostas de atividades dos Centros da Juventude, que neste momento chamaremos de adultos do CEJU. Nosso objetivo é mostrar quais as noções que os adultos possuem em relação a juventude, lazer e lúdico. Foram realizadas cinco entrevistas, com os seguintes profissionais/cargos: técnico desportivo, psicólogo, auxiliar administrativo, coordenadores e diretor.

8.1 JUVENTUDE

Perguntamos aos profissionais quais eram as suas opiniões em relação a compreensão de juventude. Assim,

(A-01) Juventude... Para mim assim a juventude, considerando a classificação do CEJU é dos 12 aos 14, dos 15 aos 18 e dos 18 aos 29. Então assim... dos 18 aos 29 seria juventude né, o jovem... o jovem adulto

(A-2) Juventude eu acredito que é uma fase da vida, um estado de espírito onde você se identifica, onde você procura, onde você se descobre, onde você se conhece. Cabe a gestão pública proporcionando a todos os jovens independente de classe social usufrua disso né.

(A-3) Que pergunta capciosa. (risos) Vamos lá... O que é juventude? Juventude antes de nada mais é uma faixa etária, então por lei, juventude são pessoas de 15 à 29 anos.

(A-4) Cara... Abrange uma idade grande né, é complicado, porque hoje em dia o pré e o adolescente se considera jovem, aí tipo até chegar em um jovem adulto, que é o público que nos trabalhamos aqui que seria o certo é de 15 à 29 anos e nos trabalhamos dos 12 aos 29 né.

(A-5) São os adolescentes com idade entre 12 a 29 anos, ou seja, conforme as leis que regem o CEJU.

Percebemos que as respostas dos adultos que estão à frente dos espaços de lazer são as mesmas preconizadas nos pergaminhos oficiais do CEJU, ou seja, o entendimento de juventude baseado nos aspectos biológicos enfatizando as fases da vida, nas quais são marcadas por alterações corporais, hormonais e/ou psicológicas. Novamente são enfatizadas as determinações regimentais e as leis do poder instituído como referência à compreensão de juventude.

8.1 LAZER

A análise dos achados nesta pesquisa nos possibilitou perceber diferentes construções de sentidos de lazer atribuídos pelos profissionais, identificados no contexto das reflexões sobre suas ações profissionais diárias. Segundo eles,

(A-01) Lazer é um conjunto de fatores, tipo... lazer você tem que ter um tempo livre para fazê, daí você ter uma qualidade de vida boa, ter saúde, ter uma situação econômica bem, tipo onde você poça ter um lazer seguro financeiramente e segurança.

(A-02) Lazer eu acredito que seja um momento livre onde você destina do seu dia ou da sua rotina para se descansar e descontraír, seja um passeio, seja assistir ou interagir com os amigos.

(A-03) Lazer é você fazer as coisas que você gosta, ou seja, após o trabalho você conseguir ir jogar bola, mexer no computador... Isso é lazer, fazer as coisas que você gosta, para relaxar, não necessariamente relaxar mas, para você ficar bem consigo mesmo. Isso é lazer.

(A-04) Lazer é quando você não pensa em nada, quando você tirar aquele tempo para você, enfim... até escutar uma música, tocar um instrumento, ou seja, um tempo seu, para ti. Fazer aquilo que te faz bem, que não tenha nenhum vínculo com o trabalho, nesse sentido.

A partir das falas dos adultos, é possível verificar que o entendimento do lazer está atrelado na valorização e racionalização de um tempo determinado e disciplinado. Diante disso, o lazer é entendido como algo a ser dado ao sujeito como recompensa ao tempo destinado ao trabalho.

8.2 LÚDICO

De acordo com os relatos dos profissionais pesquisados, o lúdico possui as seguintes roupagens:

(A-01) Lúdico eu acredito que esteja ligado a criatividade... transformar algo em que atrai as pessoas...

A partir dessa fala é possível mostrar que o lúdico pode ser utilizado como ferramenta para transformar algo em atrativo. Considerando o espaço da pesquisa, ou seja, um ambiente que oferece opções de lazer para jovens socialmente vulneráveis, o lúdico é mecanismo para transformar as propostas e o local em criativos e atrativos, estimulando a participação.

Muito próximo dessa afirmação,

(A-02) Lúdico, simplificando, eu acho que é misturar o lazer com a educação é você preparar atividade que seja de entretenimento para dar lazer para as pessoas, mas colocar ensinamentos dentro disso, ou o conhecimento dentro disso, para que não seja lazer com lazer. Para que ele tenha um objetivo maior por trás.

(A-03) Cara como eu não trabalho com rendimento, então assim, tipo se pegar a natação seria mais uma brincadeira assim... a não ser que a pessoa procure condicionamento e tal... mas assim vai mais para ele lado da diversão, e através dessas brincadeiras eles aprendem vários fundamentos, quando forem para o treinamento de rendimento terão já alguma noção.

(A-04) Lúdico é algo muito necessário ao professor, ou seja, é quando no processo de ensino ele usa uma outra forma de dar aula, ele usa jogos, brincadeiras, para deixar a aula mais descontraída, divertida

(A-05) Lúdico até onde eu sei é sinônimo de jogo, portanto qualquer intervenção que se usa jogo é considerado como algo lúdico. Neste caso, aqui no Centro, os professores usam jogos e brincadeiras para transmitir algum tipo de conhecimento de maneira mais divertida, fazendo com que os jovens não desistam da oficina, pois não são obrigatórias.

Os dados mostram que o sentido de lúdico oferecidos pelos profissionais dos CEJUS, podem assumir perspectivas funcionalistas e utilitaristas, os quais o compreendem o prazer e a diversão dos jovens como possibilidades de melhorar o desempenho e o desenvolvimento de conteúdos.

Desse modo, o lúdico é compreendido como instrumento pra alcançar o sucesso e a permanência dos jovens nas oficinas contempladas na organização das questões educativas daqueles espaços. Se elas não se caracterizarem como lúdicas possivelmente não terão demanda.

DO PATCHWORK AO LENÇOL DE RETALHOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A ideia inicial era o desenvolvimento de um simples *patchwork*, mas, devido os achados das pesquisas (documental e campo), os diferentes retalhos com suas formas geométricas distintas, acreditamos que tecemos algo parecido com um lençol de retalhos.

A participação do programa Centro da Juventude pode ser uma forma de incluir a juventude e, assim, abrir caminhos para a cidadania desses jovens ao dar-lhes a oportunidade de criar novas formas de socialidade.

Os padrões geométricos das políticas organizadas pelo Estado e a postura dos profissionais responsáveis pelos CEJUS possuem um padrão uniforme, ou seja, não há variedades em suas formas e cores. Neste sentido, as costuras, moldes e as distribuições possuem uma repetição constante e linear.

No entanto, quando mergulhamos no enraizamento dinâmico dos Centros da Juventude, encontramos uma variedade de retalhos, com diferentes tamanhos, formas, cores e espessuras. É importante ressaltar, que mesmo com todas essas diversidades, ao aproximar os recortes e realizar as costuras foi possível desvelar outras formas e outra sintonia de cores.

Em outras palavras, os resultados da análise documental e as entrevistas com os profissionais dos Centros da Juventude de Toledo/PR nos trouxeram questionamentos e levantamento de hipóteses sobre as diferentes compreensões da noção de juventude, lúdico e lazer.

Neste prisma, o modo de perceber a juventude não ultrapassa as fronteiras dos estudos com primazia aos aspectos biológicos e ênfases ao desenvolvimento de fases da vida. Na ótica das abordagens biológicas consideram-se o jovem como aqueles sujeitos de 15 a 29 anos, marcados por mudanças corporais, hormonais e psicológicas. Assim, os sentidos de juventude estão constituídos a partir de uma concepção modernista, na qual a ênfase adotada é o emprego social de maturação do jovem para a aquisição da idade adulta, ou seja, uma perspectiva progressista e positivista aquecida pela luz e calor do fogo do deus grego Prometeu.

No que se refere ao lazer foi possível observar um entendimento sob o viés *Prometeico*, ou seja, valorizar o lazer a partir da racionalização do tempo e do espaço e submetê-lo ao grande fundamento da modernidade que é a ideia de

progresso. O lúdico não distante dessa apreensão é omitido nos documentos e configurado na fala dos profissionais como uma forma de adjetivação (jogo, brincadeira e diversão) da metodologia de ensino.

Desse modo, as vivências dos jovens em relação ao lazer e o lúdico podem ser cooptados pelo poder instituído como forma de manutenção, homogeneização e internalização de valores pautados na lógica do dever-ser sob a perspectiva modernista do progresso.

Sob outros olhares, e principalmente ao gosto do vinho do deus Dionísio, foi possível evidenciar que o programa Centro da Juventude pode ser caracterizado como espaço específico de lazer, onde as manifestações lúdicas celebram um estar junto cujo fundamento é menos a razão racionalizante do que a emoção compartilhada e gozada, o sentimento de fazer parte com e para o outro.

A partir das falas dos jovens foi possível mostrar um conhecimento mais acariciante e aberto, os quais foram incorporados a emoção, o imaginário e o não-racional.

Dessa forma, os sentidos de juventude que encontramos podem ser comparados a um grande show de Rock pós-moderno, um evento lúdico no qual ocorre a sinergia de acontecimentos arcaicos e o que há de mais tecnológico. Assim, onde várias galeras/tribos buscam e oferecem a emoção de pertencimento e o momento de contemplação da moda, dos jogos das máscaras e da estética.

Além disso, evidenciamos a juventude anômica (os mesmos sentimentos de uma juventude de tempos idos) que grita a conquista da liberdade de uma racionalização da vida adulta que muitas vezes são impostas e cobradas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, E. P. **A sociologia romântica e o imaginário na obra de Michel Maffesoli**. Revista Educere et Educare. V. 8 nº 16 Jul./dez 2013 p. 321-328.

BASTOS, C. B. B; ALVES, F. L.; SCHROEDER, T. M. R (Orgs). **Pesquisas fenomenológicas na contemporaneidade**. 1. ed. - Curitiba, PR: CRV, 2015.

BRANDÃO, A. & DUARTE, M. F. **Movimentos culturais de juventude**. São Paulo: Moderna, 1990.

BRASIL. **Constituição (1988) Constituição da República Federativa do Brasil**. 40 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

_____. **Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o estatuto da juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o sistema nacional de juventude - Sinajuve. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, ano 150, n. 150, 6 ago. 2013b. Seção 1, p. 1-4. Disponível em: <<http://www.presidencia.gov.br/legislacao>>. Acesso em julho de 2016.

_____. **Estatuto da criança e do adolescente**. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. – 13. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.

BRUHNS, H. T. **Explorando o lazer contemporâneo: entre a razão e a emoção**. Revista Movimento, UFRGS, v. 10, n. 2, mai/ago, 2004.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva. 3a ed. 2001.

CHACON, P. **O Que é rock**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

COUTO, S.P. **Segredos e Lendas do Rock**. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FEYERABEND, P. **Contra o método**. Tradução: Octanny S. da Mata e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

FOGUEL, I. **Uma breve história do livro**. São Paulo: Clube dos autores, 2016.

FORTUNA, M. **Dionísio e a comunicação na hélade: o mito e a ribalta**. São Paulo: Annablume, 2005.

GOMES, C. L. **Verbete Lazer – Ocorrência histórica**. In: GOMES, Christianne L. (Org.). *Dicionário Crítico do Lazer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004a.

_____. Verbetes Lúdico. In: GOMES, Christianne L. (Org.). Dicionário Crítico do Lazer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004b.

GOMES, C. M. **Pesquisa científica em lazer no Brasil: bases documentais e teóricas**. Dissertação de mestrado - ECA/USP. São Paulo, 2004.

HUIZINGA, J. **Homo ludens; o jogo como elemento da cultura**. 2ª ed. São Paulo: perspectiva, 2000. Disponível em <http://groups.google.com/group/digitalsource>. Acesso em março de 2016.

IPARDES - **Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social**. Programa Centros da Juventude: sumário executivo. Curitiba: 2011. Disponível em http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/sumario_exec centros juventude.pdf. Acesso em janeiro de 2016.

_____. - **Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social**. Programa. caderno estatístico município de Toledo. Curitiba: 2016. Disponível em <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85900>. Acesso em julho de 2016.

IBGE. **Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
_____. **Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

MAGNANI, J.G.C. **Lazer: um campo interdisciplinar de pesquisa**. In: BRUHMS, H.T.; GUTIERREZ, G.L (Org). O corpo lúdico: ciclo de debates Lazer e Motricidade. 154 Campinas: Autores Associados, 2000.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Elogio da Razão Sensível**. Tradução: Albert Cristophe Migueis Stuckenbruck. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2010a.

_____. **Saturação**. São Paulo: Iluminuras, 2010b.

_____. **O imaginário é uma realidade**. Revista FAMECOS, Porto Alegre. 2001.

_____. **A violência totalitária ensaio de antropologia política**. Porto Alegre: Sulinas, 1981.

_____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e Educação**. Campinas: 12ª ed. São Paulo: Papyrus, 2007.

_____. **Pedagogia da Animação**. Campinas, 8ª Ed. São Paulo: Papyrus, 1998.

MARINHO, A. & PIMENTEL, G. G. A. **Dos clássicos aos contemporâneos: revendo e conhecendo importantes categorias referentes às teorias do lazer.** In: PIMENTEL, G. G. A, (Org) Teorias do lazer. Maringá: Eduem, 2010.

MARTINS, J. & BICUDO, M. A.V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos.** São Paulo: EDUC/Moraes, 1989.

MELO, V. A; ALVES JUNIOR, E. D. **Introdução ao lazer.** São Paulo: Manole, 2003.

OLIVEIRA, R. M. **Marxismo e dimensão lúdica: aproximações iniciais.** In: LARA, Larissa Michele (Org.). Abordagens socioculturais em educação física. Maringá/PR: Eduem. 2010.

PAIVA, C. C. **Michel Maffesoli, tribalista de cátedra: interfaces sociais no campo da comunicação.** Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 25, 2004.

PARANÁ. **Deliberação Nº 004/2009 de 31 de março de 2009 do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente.** Disponível em <http://www.cedca.pr.gov.br/arquivos/File/Deliberacao0042009Dispoesobreoscentrosdajuventude310309.pdf>. Acesso em 14 de janeiro de 2016.

PARANÁ. **Projeto Centro da Juventude (revisado).** Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social. Curitiba, 06 de novembro de 2012. Disponível em http://www.desenvolvimentosocial.pr.gov.br/arquivos/File/ProjetoCentrodaJuventudeRev6_11_2012.pdf. Acesso em 14 de janeiro de 2016.

PARANÁ, **Deliberação Nº 004/2009 de 31 de março de 2009 do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente.** Disponível em <http://www.cedca.pr.gov.br/arquivos/File/Deliberacao0042009Dispoesobreoscentrosdajuventude310309.pdf>. Acesso em 14 de janeiro de 2016.

PEIXOTO, E. **Estudos do lazer no Brasil: apropriação da obra de Marx e Engels.** Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2007.

PIMENTEL, G. G. A. **Leituras pós-modernistas nos estudos do lazer.** In: PIMENTEL, G. G. A, (Org) Teorias do lazer. Maringá: Eduem, 2010.

PIMENTEL, R. M. L.; PIMENTEL, G. G. A. **Discurso do lúdico nos discursos sobre o lúdico.** Forma y Función, v. 22, n. 1, p. 161-179, enero-junio. 2009.

PRADO, G. S. **A verdadeira Legião Urbana são vocês.** Dissertação de Mestrado (História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.

QUEIRÓS, I. L. B. G. **A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon, Paraná: um estudo sobre o significado do lazer entre descendentes de alemães.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, 1999.

ROCHEDO, A.C. **Os filhos da revolução: a juventude urbana e o rock brasileiro dos anos 1980**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011.

SANTANA, I. **Dança na cultura digital**. [online]. Salvador: EDUFBA, 2006. Disponível em <http://books.scielo.org/id/zn6c5/pdf/santana-9788523209056-02.pdf>. Acesso em de maio de 2016.

SANTOS, E. M. **Trabalho, Discurso e atividade matemática de praticante de patchwork**. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2012.

SPÓSITO, M. P. & CARRANO, P. **Juventude e políticas públicas no Brasil**. In: FÁVERO, O. *Et. al.* Juventude e Contemporaneidade. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

TOLEDO, **Lei nº 2.210 – de 16 de setembro de 2015 – Reestruturação do Conselho Municipal da Juventude de Toledo – COMJUTO**. Disponível em http://www.toledo.pr.gov.br/sapl/sapl_documentos/norma_juridica/7402_texto_integr_al. Acesso em 20 de outubro de 2016.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WERNECK, C. L. G. **A constituição do lazer como um campo de estudos científicos no Brasil: implicações do discurso sobre a cientificidade e autonomia deste campo**. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 12, 2000, Balneário Camboriú. Coletânea. Balneário Camboriú: Roca/Universidade do Vale do Itajaí, 2000.

VECCHIA, F. D. **Centro da Juventude de Toledo será inaugurado na quinta**. *Jornal do Oeste*. Toledo/PR, 21 de jan. de 2012. Disponível em: <http://www.jornaldooeste.com.br/noticia/centro-da-juventude-de-toledo-sera-inaugurado-na-quinta>. Acesso em 20 de novembro de 2016.

APÊNDICES

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	108
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	110
APÊNDICE C – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS I	112
APÊNDICE D – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS II	113
APÊNDICE E – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS III.....	114

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP



Aprovado na
CONEP em
04/08/2000

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Público: **jovens que frequentam o Centro da Juventude**

Título do Projeto: **OS SENTIDOS DE LAZER, LÚDICO E EDUCAÇÃO PARA JOVENS SOCIALMENTE VULNERÁVEIS NO MUNICÍPIO DE TOLEDO/PR**

Em decorrência da necessidade de levantamento de dados para pesquisa de Mestrado em Educação, solicitamos **vossa colaboração (quando maior de idade) ou de seu (sua) filho (a)**. A presente investigação tem como objetivo compreender os sentidos e significados decorrentes da vivência de lazer dos jovens que frequentam o Centro da Juventude do Município de Toledo/PR. As entrevistas gravadas em áudio serão transcritas com a garantia de preservação da identidade do entrevistado, que cede os direitos para o pesquisador usá-la integralmente ou em partes na produção de pesquisas científicas.

Participam da entrevista os jovens que frequentam as diferentes propostas/atividades culturais, artísticas, esportivos e virtuais dos Centros da Juventude de Toledo/PR.

Os riscos para o desenvolvimento da pesquisa são mínimos e está relacionada à possível manifestação contrária nas entrevistas, a possibilidade de interrupção, imprevistos relacionados com falhas técnicas durante a gravação em áudio, motivos de saúde, ausência do entrevistado na data prevista, entre outros. Caso. Tal procedimento será assegurado total anonimato quanto à identidade das pessoas. Sua identidade não será divulgada e seus dados serão tratados de maneira sigilosa, sendo utilizados apenas fins científicos. Você também não pagará nem receberá para participar do estudo.

Informações e alterações podem ser solicitadas ao pesquisador responsável (**Professora Dr^a Tânia Maria Rechia Schroeder**) no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação pelo telefone (45) 3220-7263 e ao pesquisador colaborador (**Alexssandro Morgenroth**) pelo telefone (45) 99272915 a qualquer momento com o Comitê de Ética em Pesquisa da UNIOESTE – CEP/UNIOESTE pelo telefone (45) 3220-3272.

O TCLE apresenta duas vias, sendo que uma ficará com entrevistado/colaborador. Não havendo custos, nem pagamento para sua participação no estudo. Sua identidade será resguardada, sendo a transcrição das entrevistas codificadas pelo pesquisador. Em caso de mal-estar ou desconforto durante a entrevista serão acionadas as unidades de emergência para atendimento do entrevistado. Reafirmamos que os resultados da entrevista se aplicam única e exclusivamente para fins científicos

Este documento será assinado em duas vias, sendo uma delas entregue ao sujeito da pesquisa (quando maior de idade) ou ao responsável (quando menor de idade)

Declaro estar ciente do exposto e desejo participar do projeto.

() Autorizo o menor _____ participar da pesquisa.

Assinatura do Responsável: _____

() Nome do entrevistado: _____

Assinatura: _____

Nós, **Professora Dr^a Tânia Maria Rechia Schroeder e Alexssandro Morgenroth**, declaramos que fornecemos todas as informações do projeto ao participante e/ou responsável da pesquisa.

Toledo, _____ de _____ de _____.

.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP



Aprovado na
CONEP em
04/08/2000

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Público: **professores/coordenadores**

Título do Projeto Título do Projeto: **OS SENTIDOS DE LAZER, LÚDICO E EDUCAÇÃO PARA JOVENS SOCIALMENTE VULNERÁVEIS NO MUNICÍPIO DE TOLEDO/PR**

Em decorrência da necessidade de levantamento de dados para pesquisa de Mestrado em Educação, solicitamos **vossa colaboração** a participar de nossa pesquisa que tem como objetivo analisar os sentidos e significados decorrentes da vivência de lazer dos jovens que frequentam o Centro da Juventude do Município de Toledo/PR.

As entrevistas gravadas em áudio serão transcritas com a garantia de preservação da identidade do entrevistado, que cede os direitos para o pesquisador usá-la integralmente ou em partes na produção de pesquisas científicas.

Participam da entrevista os professores/coordenadores que gerenciam as atividades culturais, artísticas, esportivos e virtuais dessa Política Pública para a Juventude, com os objetivos específicos de identificar as políticas dos Centros da Juventude do Município de Toledo/PR; pontuar as propostas e encaminhamentos do espaço e opções de Lazer e compreender as diferentes configurações do lazer, lúdico e juventude dos sujeitos que fazem parte do Centro da Juventude.

Em relação aos riscos, tal procedimento será assegurado total anonimato quanto à identidade das pessoas. Sua identidade não será divulgada e seus dados serão tratados de maneira sigilosa, sendo utilizados apenas fins científicos. Você também não pagará nem receberá para participar do estudo. Além disso, no caso de ocorrer constrangimentos, o pesquisador cessará os questionamentos, reformulando-os em linguagem adequada à compreensão do entrevistado, bem como, dispensá-lo do processo, caso necessário.

Informações e alterações podem ser solicitadas ao pesquisador responsável (**Professora Dr^a Tânia Maria Rechia Schroeder**) no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação pelo telefone (45) 3220-7263 e ao pesquisador colaborador (**Alexssandro Morgenroth**) pelo telefone (45) 99272915 a qualquer momento com o Comitê de Ética em Pesquisa da UNIOESTE – CEP/UNIOESTE pelo telefone (45) 3220-3272.

O TCLE apresenta duas vias, sendo que uma ficará com entrevistado/colaborador. Não havendo custos, nem pagamento para sua participação no estudo. Sua identidade será

resguardada, sendo a transcrição das entrevistas codificadas pelo pesquisador. Em caso de mal-estar ou desconforto durante a entrevista serão acionadas as unidades de emergência para atendimento do entrevistado. Reafirmamos que os resultados da entrevista se aplicam única e exclusivamente para fins científicos

Este documento será assinado em duas vias, sendo uma delas entregue ao sujeito da pesquisa.

Declaro estar ciente do exposto e desejo participar do projeto.

Nome do entrevistado: _____

Assinatura: _____

Nós, **Professora Dr^a Tânia Maria Rechia Schroeder** e **Alexssandro Morgenroth**, declaramos que fornecemos todas as informações do projeto ao participante e/ou responsável da pesquisa.

Toledo, _____ de _____ de _____.

.

APÊNDICE C - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS I



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/PRPPG
 Centro de Educação, Comunicação e Artes/CECA
 Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Educação – nível de Mestrado/PPGE

Público alvo: jovens que frequentam o Centro da Juventude e Centro da Juventude Mariana Luiza Von Borstel'

Registro: áudio gravado

Objetivos da entrevista: Identificar os sentidos e os significados decorrentes das atividades praticadas pelos que frequentam os Centros da Juventude do Município de Toledo/PR. Compreender as diferentes configurações do lazer, do lúdico e juventude dos sujeitos que fazem parte do Centro da Juventude.

- 01) Há quanto tempo você frequenta o CEJU?
- 02) Quais as principais atividades que você participa? Por que você escolheu essas atividades?
- 03) Por quais motivos você frequenta o Centro da Juventude?
- 04) Nesse período você adquiriu algum conhecimento? Caso afirmativo, em que área?
- 05) Participar das atividades do Centro da Juventude o auxiliou no seu relacionamento na escola, no trabalho ou em sua casa?
- 06) Você costuma frequentar outros locais semelhantes com o Centro da Juventude? Quais?
- 07) Depois que você começou a frequentar o Centro da Juventude interessou-se em participar de outros eventos ou programas da cidade? Quais?
- 08) No Centro da juventude você colabora com os planejamentos das atividades lá desenvolvidas? Quais?
- 09) Você pensa que poderiam ser desenvolvidas outras atividades no Centro de Juventude?
- 10) No seu impedimento de frequentar o Centro, há alguma atividade que lhe faz falta? Caso afirmativo, quais?
- 11) Em sua opinião o que é ser jovem?
- 12) Em sua opinião o que é Lazer?
- 13) Em sua opinião o que é Lúdico?

APÊNDICE D - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS II



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/PRPPG
 Centro de Educação, Comunicação e Artes/CECA
 Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Educação – nível de Mestrado/PPGE

Público alvo: coordenadores, professores e profissionais que organizam e executam as atividades/propostas culturais, artísticas, esportivas e tecnológicas (propostas de lazer) do Centro da Juventude Márcio Antônio Bombardelli e Centro da Juventude Mariana Luiza Von Borstel'

Registro: áudio gravado

Objetivos da entrevista: Compreender as diferentes configurações do lazer, lúdico e juventude dos sujeitos que fazem parte do Centro da Juventude; identificar as políticas dos Centros da Juventude do Município de Toledo/PR; pontuar as propostas e encaminhamentos do espaço e opções de Lazer; verificar se o ocorre o duplo aspecto educativo do lazer (educação para o lazer e educação pelo lazer);

- 1) Qual é sua função no Centro da Juventude?
- 2) Qual é a sua formação? Existe capacitação ou formação continuada (cursos) para trabalhar no Centro da Juventude?
- 3) Quais outros profissionais que trabalham na organização das propostas do Centro da Juventude?
- 4) Como são organizados e quais os principais critérios para organização dos espaços do Centro da Juventude?
- 5) Quais são os critérios para formulação das propostas de atividades do Centro da Juventude? Possuem algum cronograma?
- 6) Vocês possuem algum documento norteador e/ou regimento interno do Centro da Juventude? Caso sim como é constituído?
- 7) Em relação às diferentes áreas do conhecimento, quais são as privilegiadas e por quais motivos?
- 8) Em relação aos jovens, quais os métodos utilizados para estimular a frequência no Centro da Juventude?
- 9) Em relação aos jovens que participam do Centro da Juventude, (em sua opinião) quais são os principais comportamentos e/ou atitudes que se repetem ao longo das semanas?
- 10) Em sua opinião o que é juventude?
- 11) Em sua opinião o que é Lazer?
- 12) Em sua opinião o que é Lúdico?

APÊNDICE E - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS II



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/PRPPG
Centro de Educação, Comunicação e Artes/CECA
Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Educação – nível de Mestrado/PPGE

Documento: Projeto Centro da Juventude: parâmetros para implantação e funcionamentos.

Critérios para a pesquisa documental

- 1) Concepção de lazer;
- 2) Concepção de lúdico;
- 3) Concepção de Juventude;
- 4) Levantamento das principais áreas do conhecimento contempladas no projeto;
- 5) Identificar os objetivos educacionais do programa;
- 6) Identificar quais os tempos e locais atribuídos para as atividades desenvolvidas no CEJU
- 7) Identificar o perfil de cada funcionário do Centro da Juventude;